MADALENA SOFIA MITIKO WADA

DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA NAS BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Curso de Pós-graduação em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Orientadora: Professora Agnela da Silva Giusta

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



100229002

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

BELO HORIZONTE
- 1985 -

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
27 / 12 / 90
1002290-02
Universidade Federal de Minas Ge

A

meus pais, irmãos e amigos

pela paciência com que ouviram lamúrias e

pelas palavras de incentivo.

S U M Á R I O

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

1 - INTRODUÇÃO ..... p. 1

2 - HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS INFANTO-JUVENIS DE SÃO PAULO p.16

3 - IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO USO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS p.36

3.1 - Ideologia subjacente p.36

3.2 - Fatores de seletividade: referentes ao acesso p.47

3.3 - Fatores de seletividade: referentes ao uso p.58

4 - A BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL: UM ADENDO DA ESCOLA.. p.85

4.1 - Veiculação da ideologia dominante p.88

4.2 - Oposição Sala de Artes X Sala de Pesquisa p.97

4.3 - Pesquisa = Cópia p.107

5 - CONCLUSÕES p.115

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS p.125

7 - ANEXOS p.131

R E S U M O

O presente trabalho pretendeu averiguar se, de acordo com o discurso liberal, as Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis de São Paulo realizam o ideal democrático do acesso à cultura.

Para tanto, estabeleceu-se uma amostra de nove bibliotecas, de um universo de vinte e quatro. Os funcionários dessas bibliotecas foram submetidos à entrevista parcialmente estruturada. Esta técnica foi escolhida por ter sido considerada a mais apropriada ao tipo de pesquisa em questão e ao caráter de estudo exploratório. Assim, garantiu-se tanto a obtenção dos dados de interesse do pesquisador como o espaço para a emergência de outros dados a partir dos entrevistados.

As entrevistas obtidas demonstraram que:

1 - Existem fatores como localização e horário de funcionamento das Bibliotecas, que impedem mesmo o acesso de certos setores da sociedade;

2 - Embora não impeçam o acesso, existem fatores como falta de funcionários, preconceitos dos mesmos, tamanho do acervo etc., que levam ao atendimento diferenciado dos usuários Essas diferenças estão diretamente ligadas às diferenças de classe social.

3 - A explicitação dos objetivos das Bibliotecas Públicas não dá destaque a nenhuma de suas funções (educativa, informativa, cultural e recreativa). Na realidade há uma que tem sido desempenhada com maior peso: a função educativa. Isso

A G R A D E C I M E N T O S

A inúmeras pessoas devemos a realização deste trabalho. É nosso desejo, registrar aqui agradecimentos especiais à algumas, que contribuiram sobremaneira para que pudessemos levar adiante e concluir a pesquisa.

À

Agnela da Silva Giusta - Orientadora, que dedicou-se à tarefa sem esmorecer e que, mesmo nas horas mais difíceis, não permitiu que a ovelha se desgarrasse.

Regina Helena Freitas Campos, que nos iniciou na pesquisa como Orientadora e que, por razões pessoais, teve que abrir mão da orientação. Nesses anos todos, entretanto, acompanhou de perto o trabalho desempenhando o papel de Co-orientador.

Tânia Rodrigues Mendes, bibliotecária, que após leitura cuidadosa fez inúmeras observações pertinentes. Devido ao tempo disponível para a conclusão, não pudemos fazer as reformulações propostas. Pretendemos fazer uso delas oportunamente.

Márcia Cruz, bibliotecária, pelas observações quanto ao conteúdo e à redação.

Maria Silvia Pires Oberg, pela leitura, correção da redação e pelo "abstract".

Agradecemos, ainda, à Maria Elvira Pinto Felisberto , Secretária do Curso pelo apoio moral e à Marlene Edite Pereira de Rezende pelos serviços de datilografia.

se dá não só devido a uma intenção "consciente" da instituição, mas à precariedade das condições de trabalho;

4 - Da maneira como as Bibliotecas Infanto-Juvenis atuam, hoje, elas constituem mesmo simples adendo da Escola. Ou seja, realizam (mal) o papel de Biblioteca Escolar, que praticamente inexiste no País;

5 - Além de responder às informações solicitadas pelas crianças, as Bibliotecas analisadas divulgam uma ideologia que, como as respostas demonstram, é a ideologia da classe dominante. Dessa forma, veiculam valores como ordem, disciplina, as boas maneiras, controle.

Pelo exposto, concluiu-se que, as Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis de São Paulo atendem precariamente ao seu público, que é majoritariamente formado por crianças e jovens que as procuram para a realização de pesquisas escolares. Colocou-se, portanto, a necessidade de se repensar o papel dessas Bibliotecas. Sugeriu-se, ainda, acréscimos na formação do profissional, quanto ao conhecimento pedagógico necessário ao atendimento dos escolares.

O ideal da democratização da cultura nas Bibliotecas Públicas não foi plenamente atingido, conforme se constatou neste estudo. Contudo tal ideal permanece válido uma vez que se constatou que tais instituições exercem a função contraditória de reproduzir a ideologia dominante e simultaneamente transformá-la.

Os resultados deste estudo podem ser estendido a outras Bibliotecas Públicas do País, onde as condições sócio-econômicas sejam semelhantes.

A B S T R A C T

The present work intended to find out, according to the liberal ideology, whether libraries for children and young people in São Paulo City accomplish the democratic ideal of access to culture.

For this, we selected a sample of nine libraries from a total amount of twenty four. Employees of these libraries were interviewed (partially structured interview). This technique was chosen because it was considered the most appropriate for the present research, as an exploratory study tool. This guaranteed a collection of data of real interest for the researcher, as well as a chance for the interviewed people to furnish further data. Thus, the answers have been object of content analysis.

The interviews have revealed that:

1 - There are factors, as location and work schedule in the libraries, that prevent the access from certain segments of the society;

2 - Although not preventing access, there are other factors, as the absence of employees and prejudice on their part, size of the library collection, altogether leading to a differentiated attendance. These differences are directly linked to social class differences;

3 - The public libraries' explicit goals do not emphasize any of the following functions: education, information, culture and leisure. Yet, in practice, a greater emphasis is assigned

to the educational function. This is due to those libraries' conscious option which is aggravated by unappropriate working conditions;

4 - As to their performance, libraries for children and young people in São Paulo City constitute simple appendices to schools. In other words, they play - badly - the role of school libraries, which practically do not exist in our country;

5 - Besides furnishing the information requested by children, those libraries disclose an ideology that, as the answers revealed, is the ideology of dominant classes. This way, they convey only values as order, discipline, good behavior, control.

Thus, we concluded that libraries for children and young people in São Paulo City attend precariously their users which are constituted mainly by children and young people, who use those libraries in order to accomplish school duties. As a conclusion we pointed out the need for these libraries to think over their roles. It was suggested that it is necessary to improve the professional education of librarians, since existing courses do not give them the least pedagogic knowledge required at school libraries.

The full attainment of the ideal of cultural democratization in public libraries has not been confirmed in this study. Yet, such an ideal remains valid, since it has been detected that they play the contradictory role of reproducting the dominant ideology and simultaneously transforming it. This conclusion should be object of further investigations, although the results of this study may be generalized to other public libraries of this country, whenever social-economic conditions are similar.

1 - INTRODUÇÃO

O interesse central de nosso trabalho refere-se às funções que as Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis da cidade de São Paulo vêm desempenhando, no sentido de contribuir para a democratização da cultura.

Já temos em nosso País vários estudos interpretativos sobre diversas instituições, como: Igreja, escola, imprensa, sindicatos etc. No entanto, o mesmo não ocorre com as Bibliotecas Públicas. Existem estudos de algumas bibliotecas, como a Biblioteca Pública de São Paulo [1], da Biblioteca Pública do Paraná [2], que são antes cronologias do que análises históricas. Nos mesmos moldes há o estudo de SUAIDEN [3] para as Bibliotecas Públicas brasileiras. Temos conhecimento, ainda, de uma abordagem que é mais próxima da que pretendemos, para as Bibliotecas brasileiras no período da República Velha [4].

No Brasil, a Biblioteca Pública foi criada segundo os moldes e com objetivos idênticos aos da Inglaterra e dos Estados Unidos, onde surgiu no final do século XIX. As funções

---

1. May Brooking NEGRÃO, A evolução do Departamento de Bibliotecas Públicas, R. Bibliotecon. Brasília, 7(2):186-209.
2. Liliana SPERANDIO, Histórico da Biblioteca Pública do Paraná, R. Bibliotecon. Brasília, 2(2):199-202.
3. Emir SUAIDEN, Biblioteca pública brasileira; desempenho e perspectivas.
4. Sônia de Conti GOMES, Bibliotecas e sociedade na Primeira República.

oficiais que ela se propõe desempenhar são as seguintes:

1 - educativa: de apoio à educação formal, não-formal e informal;

2 - informativa: a Biblioteca Pública deve fornecer informações, sejam quais forem, que sejam confiáveis, de maneira rápida e eficiente;

3 - cultural: refere-se à captação, preservação e divulgação dos bens culturais da comunidade, incluindo quaisquer formas de manifestação cultural, e não apenas aquelas consideradas eruditas;

4 - recreativa: diz respeito às atividades que buscam em primeiro lugar o prazer, a leitura sem preocupações utilitárias [5].

Em nosso País, o público das Bibliotecas Públicas foi sempre majoritariamente constituído por estudantes. A partir de estudos de usuários profissionais comprovaram, com dados, aquilo que já se sabia pelo trabalho diário [6,7,8]. Alguns bi-

---

5. Ana M. C. ANDRADE & Maria H. A. MAGALHÃES, Objetivos e funções da biblioteca pública, R. Esc. Bibliotecon. UFMG, 8(1):48-59.
6. Odília Clark PERES & Célia M. FULGÊNCIO, Pesquisa sobre os usuários da Biblioteca Pública de Minas Gerais "Prof. Luís de Bessa", R. Esc. Bibliotecon. UFMG, 1(2):101-12.
7. Carminda Nogueira de C. FERREIRA, Biblioteca pública é biblioteca escolar? R. Bras. Bibliotecon. Doc., 11(1/2): 9-16.
8. Anaíza C. GASPAR, Estudo sobre hábito de leitura e uso da Biblioteca Estadual Benedito Leite pela comunidade de São Luís - Maranhão - Brasil.

bliotecários passaram a se indagar o porquê do fenômeno. E concluiu-se o seguinte:

a) que a grande presença de estudantes era uma distorção, decorrente das precaríssimas condições de nossas Bibliotecas Escolares, quando elas existiam [9,10];

b) que as Bibliotecas Públicas estavam "abandonando" suas funções culturais e recreativas, as quais deveriam receber a mesma atenção do objetivo educativo específico [11].

Na verdade, sabia-se que restringir o uso das Bibliotecas Públicas pelos estudantes não garantia uma demanda por outros grupos de usuários (donas de casa, idosos, enfim o público em geral). A presença de um público "certo" poderia servir de argumento para a obtenção de recursos e, mesmo, para justificar a manutenção dos serviços.

Essa polêmica "Biblioteca Pública deve ou não funcionar como Biblioteca Escolar?" se manteve por algum tempo, mas acabou tornando-se uma discussão estéril, porque levava a respostas do tipo "sim" ou "não", que não permitiam avançar a discussão. Era preciso, mais do que identificar as funções que as Bibliotecas Públicas estavam desempenhando, buscar respostas para o motivo pelo qual eram essas as funções desempenhadas e não outras.

Buscamos literatura dentro da Biblioteconomia brasileira que nos indicasse caminhos possíveis para a obtenção de

---

9. Odília Clark PERES & Célia M. FULGÊNCIO, op. cit.,p.105.
10. Carminda Nogueira de C. FERREIRA, op. cit., p.12-3.
11. Neusa Dias MACEDO, Bibliotecas públicas: re-exame de seus objetivos e o problema do atendimento ao escolar, p.7.

respostas às nossas indagações, mas ela se revelou insatisfatória. Isto, por uma razão muito simples: nós, bibliotecários brasileiros, tendemos a perceber (ainda) a Biblioteca como algo desligado da realidade social que nos cerca. Ela é um mundo à parte, dentro do qual imaginamos colocar e ver retratado aquilo que mais nos agrada, ou aquilo que elegemos como modelo ideal.

Nossa pesquisa pretende, assim, responder preliminarmente as seguintes questões:

1 - Por que, ainda hoje, a população que frequenta as Bibliotecas Públicas é muito restrito?

2 - Por que, sendo uma Biblioteca Pública, a Biblioteca Infantil atende basicamente escolares? É preciso lembrar que, precária ou não, trata-se de uma instalação que fica praticamente ociosa nos meses de férias escolares.

Dentro dessa questão, ainda, pretendemos averiguar no âmbito da Biblioteca por quê as crianças copiam verbetes e verbetes de enciclopédias, na maioria das vezes cópias malfeitas, e denominam este ato de "pesquisa". E o que é pior, isto é legitimado pela Biblioteca e pela Escola.

3 - Que funções específicas as Bibliotecas Públicas brasileiras desempenham enquanto instituição social?

Tentaremos responder essas questões a partir da concepção materialista da história. A Biblioteca Pública, como todas a outras instituições, não está solta no espaço, desli-

gada da sociedade que a criou e a mantém. Ela reproduz as contradições que atravessam a sociedade, o sistema escolar, o sistema político e todas as outras instituições. Faremos referência muitas vezes ao papel da Escola no Brasil, já que a democratização cultural pode ser interpretada, tomando como base o mesmo referencial teórico que trata da democratização da educação.

A concepção materialista da História nos permite ver a Biblioteca no contexto da sociedade geral, e por isso a escolhemos. Para analisar a Biblioteca Pública em suas relações com a sociedade faz-se necessário, antes de tudo, conhecer a estrutura e o funcionamento da sociedade na qual ela está inserida.

Para MARX e ENGELS*, a estrutura de qualquer sociedade compreende: a) a infraestrutura ou base econômica, que é a unidade das forças produtivas e das relações de produção; b) a superestrutura, constituída de dois "níveis" ou "instâncias", o jurídico-político (o direito e o Estado) e o ideológico (as diferentes ideologias: religiosa, moral, jurídica, política , etc.) [12].

Ainda segundo MARX, uma formação social não sobrevive se não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que as produz. Para tanto, deve reproduzir: 1) as forças produtivas, que compreendem os meios de produção (maquinário, ma-

---

*12. Cf. Marta HARNECKER, Os conceitos elementais do materialismo histórico, p.91-2.

téria-prima, etc.) e a força de trabalho; 2) as relações de produção existentes [13].

1) As forças produtivas. Estas compreendem por sua vez:

a) os meios de produção, constituídos pelo objeto sobre o qual se trabalha (a matéria bruta ou a matéria-prima) e por todos os meios de trabalho (as coisas ou conjuntos de que o trabalhador se utiliza para trabalhar a matéria). Eles compreendem, ainda, todas as condições materiais que, sem intervir diretamente no processo de transformação, são indispensáveis à realização deste.

b) a força de trabalho. Para Marx, a força de trabalho é "a energia humana empregada no processo de trabalho". A energia dispendida é passível de recuperação através de alimentação adequada e de repouso. Não se deve confundir trabalho com força de trabalho. Aquele não é senão o rendimento dessa força de trabalho [14].

2) As relações de produção existentes:

Todos os indivíduos que de uma maneira ou de outra participam no processo de produção de bens materiais são agentes da produção. E em todo processo de produção estabelecem-se determinadas relações entre os diferentes agentes da produção. Estas podem ser classificadas, basicamente de duas maneiras ou pontos de vista:

---

13. Karl MARX, O capital; crítica da economia política, Livro III, v.IV e VI.
14. Ibid., Livro I e II.

a) do ponto de vista técnico: Trata-se da relação que se estabelece entre os agentes e os meios de produção e que está ligada às características técnicas do processo de trabalho: divisão técnica do trabalho, tipos de cooperação, características do meio de trabalho etc. Estas relações se caracterizam pelo tipo de controle ou domínio que os agentes da produção podem exercer sobre os meios de trabalho e o processo de trabalho;

b) do ponto de vista social: "... em uma sociedade concreta é possível verificar em geral, que existem indivíduos proprietários dos meios de produção e indivíduos que devem trabalhar para aqueles: os trabalhadores (...) Como os meios de produção representam as condições materiais indispensáveis a todo processo de produção, como é impossível produzir sem meios de produção, os homens que não possuem esses meios, ou que dispõem de uma quantidade pequena deles, terminam por trabalhar para os que possuem os meios fundamentais de produção[15]".

Voltando à questão da infraestrutura e da superestrutura, podemos afirmar que a superestrutura é determinada pela infraestrutura, mas é determinante à sua maneira, isto é, possui uma autonomia relativa em relação à base. Para ALTHUSSER, é a partir da reprodução que é possível e necessário pensar o que caracteriza o essencial da existência da natureza da superestrutura[16].

---

15. Karl MARX, op.cit., Livro I e III.

16. Louis ALTHUSSER, Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado, p.29-68.

Para ele, a superestrutura se constitui do Aparelho (repressivo) de Estado e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). O Aparelho (repressivo) de Estado compreende o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc. A denominação "repressivo" indica que o Aparelho de Estado funciona predominantemente pela violência, pela força (física ou legal). Os AIE são "um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas". Considera-se como AIE: o AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político, o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.), o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos etc.)[17]. Por analogia, podemos acrescentar aos exemplos do autor a Biblioteca como AIE da informação e da cultura.

Tanto o Aparelho (repressivo) do Estado como os diversos AIE funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, com a diferença de que o Aparelho de Estado funciona sobretudo pela repressão, enquanto os AIE funcionam sobretudo pela ideologia. Enquanto o Aparelho de Estado constitui um todo organizado, cujos diferentes membros estão subordinados a uma unidade de comando, os AIE são múltiplos, distintos, "relativamente autônomos" e capazes de oferecer um campo objetivo às contradições que exprimem os interesses antagônicos do

---

17. Louis ALTHUSSER, op.cit., p.43-4.

capitalismo e do proletariado. O que dá unidade à multiplicidade de AIE é o funcionamento pela ideologia, a ideologia dominante. Além de deter o poder de Estado, dispondo, portanto, do Aparelho de Estado, a classe dominante é ativa nos AIE [18]. Pois, "nenhuma classe pode duravelmente manter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos AIE" [19].

Não vamos nos deter no conceito de ideologia. Para as finalidades desta pesquisa importa que fique claro apenas o seguinte: "A ideologia é uma "representação" da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência" [20]. Sendo imaginária é, por conseguinte, falseada. Podemos afirmar que a ideologia dominante é a representação falseada da relação dos indivíduos com suas condições reais de existência, dada pela classe dominante. O seu objetivo é legitimar, por seu intermédio, as relações de produção que são, no caso do capitalismo, relações de exploração. [21]

Segundo ALTHUSSER "o AIE colocado em posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo AIE é o AIE escolar" [22]. Isto ocorre porque seu funcionamento permite

---

18. Louis ALTHUSSER, op.cit., p.46-8.
19. Ibid., p.49.
20. Ibid., p.81.
21. Marilena CHAUÍ, O que é ideologia, p.90-1.
22. Louis ALTHUSSER, op.cit., p.60.

tomar a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais e inculcar-lhes, exatamente na fase em que a criança está mais vulnerável, imprensada entre o AIE familiar e o AIE escolar, "saberes práticos" envolvidos na ideologia dominante (a escrita, o cálculo, a história, etc.) ou simplesmente a ideologia no estado puro (moral, instrução cívica, filosofia). Além disso, através de mecanismo seletivo próprio, a Escola revela-se o lugar perfeito para separar os indivíduos segundo as necessidades da divisão sócio-técnica do novo modo de produção. A representação dela como instituição neutra, acima das classes, dissimula inteiramente - pelo menos no seu início - seu papel de instrumento de dominação da classe dominante [23]. Somente a análise de sua prática permite desvelar sua vinculação com a ideologia dominante.

Do mesmo modo, a constatação das funções que as Bibliotecas Públicas vêm desempenhando, só pode ser efetivada através da análise de suas práticas, as quais serão interpretadas a partir da concepção da Biblioteca Pública como uma AIE. Uma vez esclarecido o referencial teórico a ser utilizado, passamos a detalhar a metodologia adotada para a obtenção dos dados.

- Detalhamento da metodologia:

O presente estudo se caracteriza como um estudo exploratório, e como tal, a escolha da metodologia se deu em

---

23. Louis ALTHUSSER, op. cit., 64-7.

função de se obter respostas às questões colocadas na parte dessa Introdução.

Em primeiro lugar determinamos a natureza dos dados que nos interessavam. O que estávamos buscando era o discurso dos funcionários/bibliotecários das Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis da cidade de São Paulo, cujo conteúdo pudesse revelar sua prática e percepção das ações realizadas no interior dessas Bibliotecas.

A partir disso, tentamos estabelecer a amostra a ser estudada. Foi feita uma consulta à Profa. Dulce Pinto do Departamento de Estatística do Instituto de Ciências Exatas, da UFMG. Ela realizou cálculos e nos orientou sobre tamanho da amostra, que deveria ser estratificada proporcional etc. Queríamos, por um lado, fazer inclusões em função dos dados que pretendíamos obter e, por outro lado, teríamos que excluir uma Biblioteca, por falta de dados sócio-econômicos para ela. Foi-nos dito, então, que tais procedimentos eram inaceitáveis estatísticamente.

Voltamos à Orientadora com estas questões e concluímos que, para uma pesquisa da natureza da nossa, a análise estatística dos dados não seria a mais adequada, por não se tratar de um estudo de tipo positivista. Que, na realidade, os dados deveriam ser submetidos à uma análise de conteúdo. Assim, a questão do "quem" ou dos sujeitos da pesquisa passou a ser a "relevância da representatividade social das pessoas", cuja seleção conforme afima THIOLLENT "não obedece a regras mecânicas. A seleção supõe a disponibilidade do entrevistado a qual não é previsível antes de um primeiro contato". E que a

avaliação da relevância da representatividade social "fica por conta da "intuição" dos pesquisadores"[24].

Decidimos, a partir dos dados sócio-econômicos das Bibliotecas, que caracterizamos como de classes A, B e C,[25] sortear algumas de maneira que todas as classes estivessem representadas. Incluímos a Biblioteca "Monteiro Lobato", por ter características próprias, tais como: oferecer serviços inexistentes nas Bibliotecas Ramais por ocasião da pesquisa (jornal confeccionado pelas crianças, grupo organizado de teatro infantil, Biblioteca Braille, Academia Juvenil de Letras, etc.) e atender público bastante diversificado por estar na área central da cidade.

A partir da escolha dos sujeitos elegemos como instrumento de coleta de dados a entrevista parcialmente estruturada, por ser o mais apropriado para o estudo pretendido. Formulamos perguntas que garantiam a coleta de dados referentes às questões colocadas. Entretanto, foi também garantido o espaço para colocações pessoais, e que muitas vezes se constituíram em dados relevantes para a explicitação das funções reais da Biblioteca Pública. (Anexo 1)

As entrevistas foram realizadas em outubro de 1981.

---

24. Michel TIOLLENT, Crítica metodológica, investigação social e enquete operária, p.34.
25. Coordenadoria Geral de Planejamento (COGEP), São Paulo (cidade), Atlas das Administrações Regionais. Agrupamos os bairros segundo as faixas de renda alta, média e baixa e depois confrontamos com a localização das Bibliotecas.

Como pretendíamos captar o maior número de informações dessas pessoas, concluímos que a entrevista gravada seria o melhor meio. Além de nos liberar da preocupação de anotar graficamente as informações e, dessa forma nos permitir captar a expressão facial, hesitações e todas aquelas informações não-verbais, tão ou mais importantes, ainda nos permitiria ter acesso às mesmas informações quantas vezes fossem necessárias. Um dos problemas que esse recurso poderia criar seria a inibição do entrevistado. Para diminuir o impacto negativo perguntamos se a pessoa em questão se importaria de que a conversa fosse gravada, e garantimos sigilo absoluto. Na verdade, como muitas eram pessoas conhecidas acreditamos que o problema da inibição não teve grande influência. Tivemos preocupação maior com o efeito de "contaminação", isto é, de que a ordem das perguntas pudesse, de alguma forma, conduzir as respostas. E, para controlar as respostas que pudessem ter sido dadas por serem consideradas mais aceitáveis, adotamos o seguinte procedimento:

1 - Incluíamos questões que exigiam explicações mais alongadas, e no decurso das quais as contradições, hesitações, afloriam inevitavelmente;

2 - Voltávamos às questões em outro instantes da entrevista.

- Resultados

O total de entrevistas obtidas foi 12. Foram sorteadas três Bibliotecas localizadas em Bairros classe A, duas em B e quatro em C. No caso da Biblioteca da Vila Maria e da Biblioteca "Monteiro Lobato" que, conforme explicamos acima não foram sorteadas mas incluídas, entrevistamos dois funcionários, em cada uma delas, por que um deles não se achou capacitado para responder questões referentes à Sala de Artes.

Os resultados da pesquisa serão descritos em quatro capítulos, além da Introdução.

1 - Histórico das Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis de São Paulo: inclui o histórico das Bibliotecas Públicas e o histórico da rede de Bibliotecas a ser estudada.

2 - Igualdade de oportunidades no uso de Bibliotecas Públicas: consta de três ítens relativos, respectivamente, à ideologia que legitima o acesso e o uso da biblioteca pública no Brasil.

3 - A Biblioteca Infanto-Juvenil: um adendo da Escola: nesta parte discutimos, a partir de vários estudos, como a Biblioteca Pública brasileira foi gradativamente intensificando seu papel de instituição de apoio à Escola, fato confirmado pelos dados da pesquisa. Analisa-se a oposição que se estabelece entre as suas funções informativa e recreativa, suas implicações, e o papel da pesquisa escolar no âmbito da Biblioteca Pública. Demonstramos, ainda, como a Biblioteca Pública Infanto-Juvenil, na sua prática, realiza o trabalho de

veiculação da ideologia dominante, reforçando o papel desempenhado pela Escola neste aspecto.

4 - Conclusões: esta parte se constituíra de um resumo da pesquisa e do detalhamento das funções da Biblioteca Pública enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE), no que se refere à repartição dos indivíduos, à função de controle e ao papel de reprodução X transformação de uma dada realidade social.

2 - HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS INFANTO-JUVENIS DE SÃO PAULO

Nos países de origem (Inglaterra e Estados Unidos), a Biblioteca Pública foi decorrência de uma atitude filantrópica. Os homens da classe dominante viam nas bibliotecas uma forma de atenuar os problemas sociais. Assim, foram impostas ao povo, sem terem sido resultantes de uma demanda popular. O desenvolvimento industrial demandava uma mão-de-obra especializada e a Biblioteca Pública surgiu como meio de aperfeiçoamento dos trabalhadores que já estavam fora do ensino formal. Como a situação econômico-social brasileira era muito diferente, os resultados não foram os esperados. Lá as Bibliotecas Públicas surgiram em decorrência de um excedente econômico que, além de favorecer a criação de bibliotecas, despertou para a necessidade de estender seus recursos a toda a comunidade.[1]

A Biblioteca Pública partiu, posteriormente, para os estudos de comunidades, estudos de seu usuário, de maneira a que seus objetivos fossem de encontro às necessidade e aspirações de seu público. No Brasil, a preocupação de se conhecer o usuário das Bibliotecas Públicas surgiu bem mais tarde, por volta dos anos 70. Tais estudos demonstraram que elas são

---

1. Carolina Angélica B. SALIBA et alii, Biblioteca pública brasileira : objetivos e missão social, p.273-75.

utilizadas quase que exclusivamente (cerca de 90%) por estudantes de 1º e 2º graus, com a finalidade específica de cumprir tarefas escolares. Na verdade, isso não é um fato novo: já em 1932, o grande frequentador da Biblioteca Pública de São Paulo era o estudante [2] e em 1959 se fazia referência a esse tipo de usuário e às suas necessidades específicas [3].

Mas, foi a partir da Reforma de Ensino de 1971, através da Lei nº 5692, que a pesquisa escolar tornou-se uma prática generalizada, com a qual se pretendia mudar a prática de ensino vigente. Em que consistia tal prática? Consistia num professor que, diante da classe, discorria sobre determinado assunto. Sendo a figura hierarquicamente superior, raramente era questionado e quase nunca contrariado [4].

A abertura permitida pela Resolução 8/71, que possibilitou às escolas ensaiarem novos padrões de organização e funcionamento [5] e as experiências mais avançadas de então, que passaram a valorizar a participação ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem, contribuíram para que a pesquisa passasse a desempenhar papel de destaque entre as atividades escolares. Atualmente, a realização da pesquisa escolar é a finalidade da grande maioria das crianças que frequentam as Bibliotecas Infantis de São Paulo.

---

2. May Brooking NEGRÃO, op. cit., p.189.
3. Etelvina LIMA, Atendimento de escolares em bibliotecas públicas.
4. Luíz MILANESI, O que é biblioteca, p.38-43.
5. Jorge NAGLE, A reforma e o ensino, p.59.

Assim como a Biblioteca Pública de adultos, essas Bibliotecas também teriam a desempenhar, além da função educativa, todas aquelas funções oficiais já referidas.

Mas, a "distorção" que causava mal-estar aos profissionais a nível das Bibliotecas Públicas em geral, agora ocasiona desconforto muito maior porque entende-se que o abandono das atividades culturais e recreativas causa prejuízos muito mais sérios às crianças. Isto porque percebe-se esta faixa etária como a mais propícia à criação do hábito de leitura.

A ligação que se está reforçando entre Biblioteca e Escola, através da pesquisa escolar levaria a criança a, cada vez mais, ver a Biblioteca como algo obrigatório, fonte de desprazer, da qual deseja ver-se livre [6].

Quando de sua criação e mesmo vários anos depois, as Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis tinham grande preocupação com as atividades ligadas à recreação [7]. A partir dos anos 70, a pesquisa escolar tornou-se uma febre nacional e as outras funções foram sendo realmente abandonadas, por força mesmo da demanda. Como se chegou a tal situação?

Para responder a essas questões vamos analisar a história das referidas Bibliotecas.

Evidenciam-se três períodos no desenvolvimento nas

---

6. Antonio A.B. de LEMOS, A biblioteca pública em face da demanda social brasileira. R. Bras. Bibliotecon. Doc., 12 (3/4):204-5.

7. Laura G.M. RUSSO & Zilah M. RICCI, A Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis Municipal de São Paulo: sua história e seus trabalhos.

Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis em São Paulo [8].

1 - A fase de criação (1935-50);

2 - A fase de expansão (1950-64);

3 - A fase de manutenção (1964-);

1 - Fase de criação (1935-1950):

A primeira Biblioteca Infantil de São Paulo foi criada em 1935, durante o Governo Vargas, no qual se deu a primeira tentativa séria de democratização do ensino no Brasil. É no contexto da Revolução de 30, portanto, que devemos analisar a criação da Biblioteca Pública voltada para o atendimento de crianças e jovens.

A revolução de 1930 foi a expressão de "rupturas estruturais a partir das quais se tornou possível reelaborar as relações entre o Estado e a sociedade" e foi consequência da derrota parcial das camadas dominantes (a oligarquia) pelas classes sociais urbanas em emergência. Essas classes sociais, por sua vez, surgidas a partir da abolição da escravatura, da vinda de grandes contingentes de imigrantes europeus, da crescente urbanização, tinham interesses distintos da burguesia nacional e internacional ligada à cafeicultura. A Depressão Econômica de 1922-23 desempenhou um papel decisivo. A crise da cafeicultura que culminou em 1929, com a quebra da Bolsa de

---

8. A idéia dessa periodização surgiu a partir da leitura do trabalho de Bárbara Freitag : Escola, estado e sociedade , no cap. 2, referente a uma breve história da política educacional brasileira.

Valores de Nova York, produziu uma consciência mais clara dos problemas brasileiros. Percebeu-se as limitações econômico-financeiras inerentes a uma economia voltada basicamente para o mercado externo [9].

Essa condição de dependência em que encontrava o país se reflete também na criação e instalação de bibliotecas na Primeira República. Assim, mesmo as regiões mais desenvolvidas, como São Paulo e Minas, atingiram uma modernização reflexa: só apresentaram progresso quando estes interessavam às empresas estrangeiras. O envio do capital gerado pelas indústrias ao exterior, impedia que se formasse no país excedente econômico disponível para investimentos industriais nacionais. As condições sócio-culturais como um todo não eram propícias à criação de bibliotecas nem à geração de informação em quantidade que exigisse sua organização em forma de biblioteca [10].

A maioria das bibliotecas criadas durante a Primeira República era escolar, cujo crescimento foi significativo no período de 1900 a 1909, consequência da expansão escolar resultante das primeiras reformas de ensino. A ideologia positivista que norteou a primeira reforma e que se preocupava com a questão do "currículo enciclopédico" pode ter motivado a criação dessas bibliotecas [11]. Apesar de tudo, é preciso considerar que a simples criação não significa seu funciona-

---

9. Otávio IANNI, Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930-1970, p.13-8.
10. Sônia de Conti GOMES, op. cit., p.59.
11. Ibid., p.65.

mento efetivo.

Dada a sua condição de país dependente, o progresso atingido não permitiu equilibrar as finanças do País, que durante toda a Primeira República se manteve deficitário. Essa falta de recursos não permitia a existência de dotações orçamentárias para o desenvolvimento da educação, e consequentemente, para a criação e manutenção de bibliotecas. Mesmo nos Estados mais privilegiados, onde houve criação de maior número de bibliotecas escolares estaduais, não se pode atribuir o mérito de sua existência ao Governo, mas a elementos isolados, como atestam os documentos. Elas eram em geral mal instaladas, com carência de verba e acervo reduzido [12].

O funcionamento precária das bibliotecas escolares não acarretava, então, maiores problemas porque o próprio ensino era tão restrito que não se colocava uma demanda efetiva para elas. Com a democratização do ensino proposta por Vargas, coloca-se a necessidade de bibliotecas que atendam aos alunos. Dado o número inexpressivo de bibliotecas escolares e a impossibilidade de criação das mesmas em curto período de tempo e no rítmo mesmo da expansão da rede de ensino, essa demanda acabou-se voltando para a Biblioteca Pública.

Tanto a Escola como a Biblioteca Pública, no seu discurso oficial afirma que a educação e a cultura são para todos e que o acesso a elas se dá democraticamente. Esse discurso mascara sua verdadeira função que é a de reproduzir o sistema de divisão em classes e de assegurar a reprodução das

---

12. Sônia de Conti GOMES, op. cit., p.69-70.

relações sociais de produção. É por esse motivo que, à medida que o capitalismo evolui em nossa sociedade, a educação deixa de ser um problema pouco relevante para se tornar central, até chegar a constituir mesmo, força estratégica para sua consolidação no país [13]. O período anterior à Revolução de 30 se caracterizou por intensos e inúmeros debates sobre numerosos problemas: "democratização do sistema político em geral, particularmente o processo eleitoral e o exercício efetivo dos poderes; protecionismo alfandegário e defesa da incipiente indústria brasileira; reforma e ampliação do sistema nacional de ensino, em seus níveis elementar, médio e superior; formalização das relações de trabalho e das atividades sindicais; as funções do poder público, na proteção e incentivo às atividades econômicas instaladas e a instalar-se; a importância e a necessidade de uma política governamental de defesa e aproveitamento das riquesas minerais [14]. (grifo nosso)

Havia, portanto, a preocupação com a ampliação do sistema educacional, desde a base até o nível superior, que irá aparecer com frequência cada vez maior com a tomada do poder por Vargas. Ele, em seus discursos, coloca em evidência crescente a necessidade de formação da população em geral e das novas gerações [15].

---

13. Bárbara FREITAG, Escola, estado e sociedade, p. 119.
14. Otávio IANNI, op. cit., p.15.
15. Agnela da Silva GIUSTA, A política educacional do Estado Novo, p.11.

É nesse clima de mudanças estruturais e de efervescência social e cultural que é criada a Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato". Segundo informações de sua primeira Diretora, a bibliotecária Lenyra Camargo Fraccaroli, o responsável pela sua criação foi Paulo Duarte, "pessoa de alta intelectualidade e erudição". Artigos de jornal referentes à vida de Paulo Duarte caracterizam-no como um liberal ou " socialista-democrata"[16,17]. Ele foi uma das figuras que participou intensamente da Semana de 22. A propósito da sua condição de liberal vale recorrer à CURY, quando afirma: entre 1930-34 , através do Governo Federal que incentivou a realização de debates em nível oficial e oficioso, sobre todos os problemas da esfera nacional, travaram-se em torno do tema Educação uma série de discussões.

"Nessas discussões, que chegaram ao conflito, destacaram-se dois grupos: católicos e liberais. Enquanto os primeiros defendiam um ensino acadêmico, eminentemente elitista, os liberais ou escolanovistas pretendiam uma educação "prática" , "científica", como a única capaz de superar o "atraso e a ignorância". Na realidade, essas tentativas de reforma estavam ligadas a outras razões. As transformações nas formas de divisão do trabalho, que se seguiram à Primeira Grande Guerra não admitia mais o ensino elitista e com caráter de "adorno", a que só a oligarquia vinha tendo direito. A classe dominante - para se manter no poder - necessita de acenar a educação co-

---

16. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7/12/76 e 18/4/81.

17. Opinião, Rio de Janeiro, 24/1/75.

mo forma de mobilidade è ascensão social para as classes populares [18].

No confronto entre católicos e liberais estes serão apoiados amplamente pelas classes populares, já que defendiam as idéias do liberalismo (a defesa do indivíduo, a liberdade de iniciativa, a igualdade perante a lei, a solidariedade entre todos) [19]. Dessa forma, as idéias que irão prevalecer na época serão as dos liberais, que viam o Estado como nova e maior autoridade educacional, apoiada por outras instituições. O papel do Estado surge da democracia social que vê na escola pública a única e grande oportunidade de abrir a todos, sem qualquer distinção ou discriminação, as portas do saber pragmático, pelo qual se imporá uma "democracia de competência ". (grifo nosso). Acreditava-se que só o Estado teria condições de preparar as novas gerações para a sociedade almejada [20].

A preocupação com a formação das " novas gerações" justifica a criação de bibliotecas infanto-juvenis. A concepção de uma escola democrática, comum e única, exigia por sua vez uma base de educação também comum. A democratização não permitia, além disso, a discriminação de qualquer setor da população. Por essa razão o Estado coloca a gratuidade do ensino para crianças e jovens entre 7 e 15 anos. A gratuidade foi decorrência da obrigatoriedade, pois como se poderia

---

18. Carlos R.J. CURY, Ideologia e educação brasileira, p.19.

19. Ibid., p.20.

20. Ibid., p.91.

obrigar uma criança carente a frequentar a escola se tivesse que pagar para isso? Por sua vez, a obrigatoriedade se impunha, para assegurar que as metas da educação e instrução indispensáveis à era industrial fossem atingidas. "No entanto, alguns liberais que defendiam a idéia de formar as elites baseados na diferenciação dos indivíduos segundo suas aptidões, selecionando os mais competentes, se revelaram radicalmente elitistas" [21].

Na verdade toda a polêmica criada por católicos e liberais terminou com a Constituição de 1934, que atendeu às reivindicações de ambos os grupos. Vargas não podia desprezar, de um lado, a força moral da Igreja, e de outro, as pressões das camadas populares por uma educação mais democrática, a qual era defendida integralmente pelos liberais [22]. Consequentemente, foram tomadas medidas tais como: criação do Ministério de Educação e Saúde; criação das primeiras universidades (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre); gratuidade e obrigatoriedade do ensino; criação dos cursos profissionalizantes, representando "abertura" às classes menos favorecidas. Mas a verdadeira razão dessa generosidade estava nas novas necessidades de qualificação e diversificação da força de trabalho, dadas as mudanças na infra-estrutura econômica que visava a industrialização do País [23].

Essas medidas vão servir de base para o desenvolvi-

---

21. Carlos R.J. CURY, op. cit., p. 93-4.

22. Ibid., p. 105-27.

23. Bárbara FREITAG, op.cit. 43-5.

mento nas fases posteriores. Embora os liberais acreditassem num Governo "neutro" acima dos interesses de classe, as condições para a exploração, através de apropriação de parcela maior de mais-valia dos trabalhadores mais qualificados, são criadas e financiadas pelo Estado [24].

Tendo em vista que os efeitos de medidas políticas em qualquer área surgem após certo tempo, podemos verificá-los também no caso das Bibliotecas Infantis. As discussões e debates realizados de 1930-34 começam a produzir frutos nos anos subsequentes. Assim, como vimos, é criada em 1935 a primeira Biblioteca Infantil Municipal (atual Biblioteca "Monteiro Lobato"). Em 1946, pelo Decreto-Lei nº 360/46 foi criada a Seção de Bibliotecas Infantis da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura, afeto à Secretaria de Cultura e Higiene, por sua vez instituída pelo Decreto 333, de 27/12/1945. Também em 1946 foi instalada a primeira Biblioteca Ramal, no Bairro do Itaim, que hoje se denomina Biblioteca Anne Frank [25]. A nova demanda da força de trabalho explica porque a primeira Biblioteca foi criada num bairro nobre da época. Pois era lá que se encontrava a população já alfabetizada.

Na primeira fase da história das Bibliotecas Infantis de São Paulo foram criadas, portanto, somente duas bibliotecas. Embora houvesse consciência da necessidade de criação de Bibliotecas Públicas, não havia recursos suficientes para tal.

---

24. Bárbara FREITAG, op.cit., p.47.

25. Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo (cidade), Relatório anual - 1979, p.11.

2 - Fase de expansão (1950-1964):

Essa fase corresponde, na História Nacional àquela que FREITAG classifica como sendo de aceleração e diversificação do processo de substituição de importações [26].

É na década de 50 que temos a criação e implantação do maior número de bibliotecas de toda a história da Rede de bibliotecas em questão. No total, foram quinze as bibliotecas criadas. Conforme o Relatório Anual de 1979 do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, essa expansão justifica-se pelo grande crescimento populacional no período [27].

Segundo a primeira Diretora da Rede, Lenyra Camargo Fraccaroli, um grande número delas foi criado atendento pedidos de escolas. De fato, a criação de um grande número de escolas em todos os níveis, seja no âmbito oficial, seja no privado, aumentou muito a demanda de bibliotecas. É o momento a partir do qual, aprofunda-se a relação entre a democratização da educação e da cultura. Na medida em que as biblio-

---

26. Nesta fase, "a aliança entre o empresariado nacional, que queria o aprofundamento do processo de industrialização capitalista, sob o amparo de barreiras protecionistas, e setores populares cujas aspirações de participação política e econômica são manipuladas pelos primeiros, è expressa ao nível político pelo Estado populista-desenvolvimentista. Este Estado cria um grande número de escolas oficiais, dá abertura ao setor privado na área do ensino médio com os cursos chamados profissionalizantes". Bárbara FREITAG, op. cit., p.48-58.
27. Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo (cidade), op. cit., p.11.

tecas escolares não atendiam seu público em quantidade e qualidade, essa demanda voltou-se para as Bibliotecas Públicas, que tampouco estavam preparadas para atendê-la. O atendimento, assim, era feito com muitas limitações.

3 - Fase de manutenção (1964-1982):

Este período se caracteriza como aquele em que menos bibliotecas foram criadas, e em que se procurou, com grandes dificuldades, manter as já existentes. É digno de observação o fato de que, de onze bibliotecas inauguradas no período de 1964-82, dez o foram em bairros populares ou em zonas periféricas da Cidade. Foram criadas Bibliotecas nos seguintes bairros: Pirituba, Vila Formosa, Guaianazes, Perus, Canindé, Cruz das Almas, Penha, Tucuruvi, Campo Limpo e Itaquera. A exemplo do que ocorre com o fornecimento de serviços públicos em geral, no sistema capitalista, elas foram instaladas primeiramente nas áreas centrais, e só depois caminharam em direção às áreas periféricas. Isto ocorre devida à pressão das camadas populares, que reivindicam esses benefícios, ou porque os interesses das camadas dominantes já foram atendidos.

É justamente essa pressão crescente que as classes subalternas exerciam desde o final da fase anterior, que levou a grandes reformas no ensino nesse período: Reforma do Ensino de 1º e 2º graus (1971), através da Lei nº 5692 e a Reforma do Ensino Universitário (1968). Dados os mecanismos de seletividade, apesar de tudo o que se dizia a respeito da democratização do ensino, são as classes subalternas que con-

tinuam tendo menor acesso à escola, notadamente ao ensino gratuito.

As mudanças em relação à legislação do ensino podem ser resumidas em três tópicos [28]:

1. Ensino primário com duração de 4 a 8 anos, gratuito em escolas públicas. O 1º ciclo ginasial e o ensino primário foram fundidos e transformados no ensino de 1º grau, o qual tornou-se também obrigatório;

2. Profissionalização do ensino médio (antigo 2º ciclo do ensino médio), que garante ao mesmo tempo terminalidade e continuidade dos estudos;

3. Reestruturação do funcionamento do ensino no modelo da escola integrada, definindo-se um núcleo comum de matérias obrigatórias e uma multiplicidade de matérias optativas de escolha do aluno.

Independentemente da inteção que moveu os legiladores do ensino brasileiro, as mudanças introduzidas somente vieram aprofundar e reforçar a separação das classes sociais. Assim, a profissionalização do ensino médio assegurou a conteção da corrida ao ensino universitário. Aqueles que não tinham condições de estudar ingressaram, ao final desse nível, no mercado de trabalho. O ensino Supletivo reintroduz a questão de cursos separados para as classes dirigentes e para as classes subalternas [29].

Quanto à Reforma Universitária, ela se faz necessária

---

28. Bárbara FREITAG, op. cit., p.86.
29. Ibid., p.87-90.

devido à corrida geral para o ensino superior. Embora o ensino profissionalizante garantisse menor afluxo ao ensino superior, não era suficiente para resolver a "crise do ensino superior", e novas mudanças que servissem de "funil" foram introduzidas. Houve aumento real no número de vagas oferecidas, mas face à demanda continuou deficitário como no período de 1964-68. Essa demanda somente vai ser absorvida pela rede particular, que oferece cursos de menor custo e em áreas não-prioritárias segundo o planejamento governamental. Mais uma vez temos duas redes de ensino, agora a nível superior: o ensino oficial, de melhor qualidade, para as classes ricas e o ensino particular para as classes menos abastadas [30]. Para elitizar ainda mais o ensino são criados os cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e o jubilamento [31].

A desobrigação crescente do Estado, com relação à instrução pública e gratuita atingiu também a rede de Bibliotecas Públicas. Isto levou à existência, na realidade, de duas redes: uma, de melhor gualidade, nos bairros de maior poder aquisitivo, e outra funcionando em condições precárias, nos bairros periféricos. Este fato ficará evidente no decorrer do estudo. Ao contrário do discurso oficial, que afirma ser a simples criação de bibliotecas, solução para o problema do acesso à cultura a <u>toda</u> população, acreditamos que seu funcionamento tende à manutenção do "status quo", ou seja, ao privilegiamento de minorias. No entanto, isso não é tão

---

30. Bárbara FREITAG, op.cit., 103-7.
31. Ibid., p.123.

evidente, nem poderia ser. Assim, em 1975 é criada a Biblioteca Braille, anexa à Biblioteca "Monteiro Lobato". Seus serviços foram criados em 29/4/1947 e destinavam-se ao atendimento das crianças de uma instituição voltada aos cegos, o Instituto Padre Chico. (Ver folheto explicativo Anexo 2). Considerando-se a criação da maioria das bibliotecas do período, em bairros distantes do Centro, aparentemente foram atendidas as reivindicações das classes populares. Na prática, entretanto, todas elas vêm funcionando com deficiências agudas, principalmente de pessoal.

Em maio de 1982 foi inaugurado o Centro Cultural São Paulo, junto à Estação Vergueiro do Metrô, que conta com recursos sofisticados para os padrões de serviços públicos. Segundo o Secretário Municipal de Cultura Mário Chamie, em seu discurso de inauguração, "o Centro Cultural foi criado para democratizar a cultura". No entanto, está instalado na Linha Norte-Sul do Metrô, sabidamente a que atende parte da população já privilegiada da Capital. A exemplo da democratização do ensino, a democratização cultural acabou revelando-se apenas aparente. Um simples exame da distribuição das Bibliotecas Públicas de São Paulo, tanto da rede Infantil quanto da de adultos, mostra como ela é desigual, com uma grande concentração nos bairros centrais ou de maior poder aquisitivo. As Bibliotecas estão distribuídas da seguinte forma: 6 Bibliotecas em bairro classe A: Anne Frank (Itaim), Viriato Correa (Vila Mariana), Álvaro Guerra (Alto de Pinheiros), Chácara do Castelo e Ophélia França (Aclimação) e Monteiro Lobato (Consolação); 7 Bibliotecas em bairros classe B: Benedito

B. Barreto (Santo Amaro), Narbal Fontes (Santana), Zalina Rolim (Saúde), Clarice Lispector e Vila Romana (Lapa), Paulo Sérgio Milliet (Mooca) e Adelphe Figueiredo (Pari); 11 Bibliotecas em bairros de classe C: Hans Christian Andersen, Arnaldo Magalhães de Giacomo e Vila Nova Manchester (Tatuapé), Vila Maria, Vila Prudente, Pirituba, Vila Formosa, Guaianazes, Thales Castanho de Andrade (Brasilândia, Penha de França (Penha) e Sítio da Ressaca (Jabaquara). (Ver mapa p.33)

Antes de passarmos à análise dos dados obtidos pela pesquisa, visando uma melhor compreensão do funcionamento das Bibliotecas que compõem a Rede de Bibliotecas Infantis, daremos uma rápida explicação sobre a sua organização.

Embora as Bibliotecas (Anexo 3) estejam distribuídas em zonas diferentes da Cidade, sua organização está apoiada em padrões comuns, que dizem respeito às várias Salas ou atividades pelas quais estão compostas. Todas as bibliotecas estão, basicamente, organizadas da seguinte forma:

Portaria: é o local para onde a criança se dirige em primeiro lugar. Ela deve deixar aí seus pertences particulares (bolsas, pastas, etc.) e entrar somente com material para pesquisa: cadernos, lápis, borrachas e canetas. É permitida a entrada com material próprio, desde que este seja submetido a exame pelo funcionário antes da entrada na Sala, e na hora da saída. Em troca do material recebe um cartão numerado, para a retirada do mesmo à saída. Ainda, na portaria, a criança deve escrever numa folha seu nome, escola em que estuda, idade, para fins de controle de frequência. Em seguida, ela pode se dirigir às seguintes Salas:

Sala Circulante: é o local onde se faz empréstimo de livros. Aí estão tantos os livros didáticos e para-didáticos de maneira geral, como os de histórias infantis e de literatura. Para poder retirar livros a criança deve se matricular. As exigências para a matrícula são: cartão de autorização fornecido pela Biblioteca e assinado pelo pai ou responsável, pelo qual concordam com as normas de empréstimo (prazos, punições etc.) e um comprovante de endereço (conta de luz, água, telefone etc.). O limite de idade para matrícula é de 7 a 17 anos; tal limite é ampliado um pouco para menos se a criança já está alfabetizada, e um pouco para mais se continua frequentando a Biblioteca assiduamente, a critério do funcionário encarregado do serviço.

Sala de Artes e Jogos: aonde a criança vai brincar, se divertir. É o local onde ficam os jogos: damas, xadrez, quebra-cabeças, os jogos ditos educativos, as revistas (gibis) etc. As crianças podem, ainda, desenhar, pintar, fazer colagens, dobraduras, modelagens em argila, e vários outros trabalhos de Artes Plásticas.

Sala de Leitura Infantil: local em que a criança fica se ela quer ler na própria Biblioteca. Possui livros de histórias infantis e alguns de informação em geral. Normalmente, é nesta Sala que se faz a "Hora do Conto".

Sala de Pesquisa: sala reservada para a realização de trabalhos escolares, ou para estudo com material do próprio consulente. O acervo compõe-se de coleções de enciclopédias, dicionários linguísticos e especializados, livros di-

didáticos de 1º grau principalmente. As áreas como Ciências Sociais, Tecnologia, Artes, Literatura, Geografia e História possuem livros que atendem também ao 2º grau.

É importante ressaltar que, em algumas Bibliotecas, a Sala de Jogos funciona junto com a Circulante ou junto com a Sala de Artes. Em outras, ainda, a Sala de Artes, Jogos e Leitura Infantil ficam num único recinto. Essas variações aparecem em função do número de Salas e de funcionários que a Biblioteca possui, e da maneira que as Bibliotecárias-Chefe entendem que é mais "funcional". De maneira geral essas são as atividades desenvolvidas nas Bibliotecas independentemente da maneira pela qual estão distribuídas no espaço físico.

3 - IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO USO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

3.1 - Ideologia subjacente

O Manifesto da Unesco para Bibliotecas Públicas afirma: "A Biblioteca Pública é uma demonstração prática da fé da democracia na educação universal considerada como um processo contínuo ao longo de toda a vida e no reconhecimento de que a natureza do homem se realiza no saber e na cultura (...) Para alcançar seus objetivos, a Biblioteca Pública deve ser de fácil acesso e suas portas estarão abertas a todos os membros da comunidade sem distinção de raças, cor, nacionalidade, idade, sexo, religião, língua, situação social ou nível de instrução para que a utilizem livremente e em igualdade de condições" [1] (grifo nosso). Este Manifesto assenta-se nos princípios do liberalismo e como tal deve ser analisado considerando as condições históricas que o propiciaram.

O liberalismo, corrente de pensamento elaborado por pensadores ingleses e franceses, surgiu no contexto da luta de classes da burguesia contra a aristocracia. O seu início remonta a tempos muito anteriores, mas atinge seu auge durante o século XVIII, na França. Mais precisamente durante a Revo-

---

1. Emir SUAIDEN, op. cit., p.77-8.

lução Francesa [2]. Os princípios do liberalismo são: 1- o individualismo; 2- a liberdade; 3- a igualdade [3].

1) O individualismo: é o princípio pelo qual se acredita terem os diferentes indivíduos atributos diversos. É de acordo com esses atributos que tais indivíduos atingem uma determinada posição social. Se a autoridade (Estado) tem por função permitir a cada indivíduo o desenvolvimento de suas aptidões, até o máximo de sua capacidade, o único responsável pelo sucesso ou fracasso social é o próprio indivíduo e não a organização social. O posicionamento na hierarquia social será resultado de interesse e capacidade de cada indivíduo.

2) A liberdade, sem a qual não seria possível a defesa da ação e das potencialidades individuais. Assim, o indivíduo é livre para ir e vir, para se educar, etc. Mas é ele quem quer, quem age. O que determina uma posição dada são os talentos e as capacidades individuais, ou "naturais". Este princípio surge como arma para combater os privilégios que as classes opositoras à burguesia (clero e aristocracia) possuíam, os quais se assentavam na origem (berço) ou no credo.

3) O terceiro princípio, que nos diz respeito mais de perto, é o da igualdade. Segundo o grande teórico do liberalismo, Rosseau, justamente porque a natureza fez os homens desiguais, já que possuem aptidões e talentos desiguais, cabe ao Estado, através das leis, procurar manter a igualdade entre os indivíduos. Por este princípio se confirma e se legitima a

---

2. Luís A. R. CUNHA, Educação e desenvolvimento social no Brasil, p.27.
3. Ibid., p.28-33.

sociedade de classes, pois os indivíduos têm igualdade de direito e não de fato. Isto significa que as desigualdades deverão persistir, somente que agora as diferenças não são predeterminadas - como eram no modo de produção anterior - mas resultantes da luta dos indivíduos cujas chances são iguais perante a lei.

Além disso, os teóricos liberais Telleyrand e Condorcet, afirmam a idéia do progresso e do aperfeiçoamento contínuo da humanidade, isto é, da perfectibilidade humana. No Manifesto da Biblioteca Pública esta idéia é explicitada nos seguintes termos: "(...) fé da democracia na educação universal considerada como um processo contínuo ao longo de toda a vida (...)". Se a escola, a instrução regular, não deve significar o único momento do aperfeiçoamento individual, a Biblioteca Pública surge como o lugar por excelência para o desenvolvimento pleno do homem. De que homem se está falando? O liberalismo responde que são todos os membros da comunidade. Por isso a Biblioteca Pública não pode fazer distinção de raças, nacionalidade, idade, sexo, religião, língua, situação social ou nível de instrução.

No liberalismo a igualdade de acesso à instrução é garantida através da educação pública. A burguesia teve que abrir (pelo menos no papel) a educação às classes populares, porque: 1) estas participaram da luta contra a classe dominante da época, formada pelo clero e pela aristocracia; 2) a educação era uma reivindicação antiga dessas classes. Além disso, a burguesia percebia toda a potencialidade da educação pública, na obtenção da hegemonia da nova sociedade. De fato,

ao atingir uma grande parte da sociedade, a instrução pública possibilitou ampla divulgação da nova concepção de mundo (de interesse da burguesia) e a retirada do controle ideológico das mãos da Igreja. Este foi o caso específico da França. Embora fosse obrigatória até um certo nível e gratuita, a escola burguesa foi concebida com fins evidentemente ideológicos, já que previa instruções diferenciadas para os diferentes grupos sociais. Assim, havia uma instrução mínima obrigatória, a partir da qual os conteúdos vão sendo ampliados e diversificados à medida que se passa de um nível para outro [4]. "As oportunidades, abertas a todos, são definidas por uma pequena parcela da sociedade que detem a propriedade; os meios de compra utilizáveis pelo indivíduo para comprar seu lugar na sociedade que ele mesmo constrói são detidos por uma reduzida porção da sociedade, pois a margem entre as afirmações e as realizações práticas é ampla" [5].

A exemplo da Escola no Brasil [6] o atendimento das Bibliotecas Infantis nas diversas regiões do Município de São Paulo e, em cada uma delas, entre as classes sociais, é na realidade, desigual. Há diferenças na qualidade dos serviços prestados em função dos grupos sociais localizados proximamente; o uso de bibliotecas está associado ao domínio de algumas habilidades (como a de ler), desigualmente distribuídas entre a população. Podemos afirmar, portanto, que as diferenças estão diretamente ligadas a situações de classe. Todo o discurso da

---

4. Eliana Marta S.T. LOPES, Origens da educação pública: a instrução na revolução burguesa no século XVIII, p.64-6.
5. Ibid., p.111.
6. Luís A. R. CUNHA, op. cit., cap. 3 , A escolarização desigual.

Biblioteca Pública serve para mascarar seus próprios mecanismos de discriminação social, legitimando essa discriminação.

Se a doutrina liberal não podia, no início, ocultar totalmente seus interesses de classe, à medida que o capitalismo se desenvolve, torna-se cada vez mais difícil e mais necessário ocultá-lo, a fim de manter a hegemonia que lhe permite permanecer no poder.

Como ALTHUSSER demonstrou em sua obra já citada, é através da submissão à ideologia dominante que se assegura a reprodução de um modo de produção numa dada sociedade. Para se garantir essa submissão é preciso que "todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos "profissionais da ideologia", estejam de uma maneira ou de outra "penetrados" desta ideologia, para desempenharem "conscienciosamente" a sua tarefa - quer de explorados (os proletários). quer de exploradores (capitalistas), que de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus "funcionários"), etc." [7].

As entrevistas realizadas com os funcionários das Bibliotecas Públicas Infantis da cidade de São Paulo demonstram o quanto estão penetrados da ideologia liberal, quando afirmam:

> *"As crianças têm as mesmas chances em usar uma biblioteca. Porque, naturalmente, elas são incentivadas na escola para vir, porque eu acho que tem que partir do professor. Se um professor pede uma pesquisa e manda que venham à Biblioteca, elas despertam maior inte-*

---

7. Louis ALTHUSSER, op.cit., p.28-9.

resse em tudo, e chegando aqui elas vão conhecer outras atividades. Eu acho que elas têm melhoras chances". (3)

"Tem as mesmas chances, sim. Porque, às vezes chega um garoto ou garota que dificilmente vem, eu pergunto porquê. Ela diz que prefere ficar em casa. " Ah, eu gosto de ficar assistindo filme em casa". (4)

"Uma grande maioria eu acho que sim. Mas eu acho que teria que criar uma certa obrigação. O aluno vem à Biblioteca porque o professor manda. Do contrário , vir por vir... A gente tem esses alunos que vêm aqui só para ler livros na Sala de Pesquisa, é uma minoria. Eles têm chances, mas acho que têm que ser uma coisa meio forçada, meio obrigatória. Principalmente por causa da faixa de idade: 5a. a 8a. série é difícil eles criarem um interesse, uma consciência própria". (7)

"Eu acho que as crianças têm as mesmas oportunidades, sim. Talvez por não conhecer direito a Biblioteca,o que ela tem, quais são as atividades, que elas não venham. Mas a chance é a mesma. Elas poderiam vir. O que acho é que nós também poderíamos fazer um trabalho conjugado com as escolas, para se mostrar as crianças o que se pode ter numa biblioteca, para haver um maior interesse. Para haver uma consulta maior". (8)

"Eu acho que todos têm a mesma chance... Eu acho que é problema de educação ... Esta Biblioteca eu acho mal localizada. Porque ela é de fácil acesso, mas para criança... Aqui é um centro comercial tem movimento de ônibus, de carro etc." (10)

As respostas evidenciam que se a ideologia dominante afirma que a Biblioteca Pública é para todos, a prática per-

mite aos funcionários que nela trabalham vislumbrar que isso é falso. São essas percepções parciais, descontínuas, que tornam os discursos contraditórios, como é possível perceber pelo que se segue:

> *"Eu acho que quem frequenta têm mais oportunidade, é lógico. Eu acho que não é a mesma para todos, não. Porque, por exemplo quem mora mais longe da Biblioteca, uma criança menor que a mãe não pode trazer. Ela pode estar querendo vir à Biblioteca, mas como é que ela vem. Às vezes até nem conhece que tem uma biblioteca no bairro. Então ela não está tendo a mesma chance que a outra que conhece tem... Mas a criança frequenta porque parece que existe um interesse maior por parte delas de entender, de conhecer, e de pesquisar mais. E quem não frequenta é porque não (gagueja) se interessa pelo estudo e então leva o estudo na... .vai como for mesmo".* (1)

> *"Não, porque a que não vem sempre é porque ela encontra em casa. Às vezes é a orientação dos pais, os livros, então é logico que se ela tem uma enciclopédia, ela tem livros em casa, é porque ela tem condições melhores de vida... As chances são as mesmas. Se elas quiserem elas vêm. Dependendo da vontade delas elas viriam da mesma forma que os outros. Não sei se explico bem... Mas se voce colocasse, por exemplo uma pesquisa para duas crianças: a que vem e a que não vem. As duas poderiam vir à Biblioteca. Só não vem porque a outra encontra em casa. Eu não sei porquê. Às vezes eu vejo o negócio sob um prisma. Às vezes uma outra pessoa veria de outra forma. Eu penso mais que seria esse caso".* (6)

Uma das características da ideologia é que suas afirmações são tão do senso comum, tão óbvias, que são naturais . Assim, "naturalmente" as crianças são incentivadas na escola a ir à biblioteca. Mas será que crianças de todas as escolas têm professores que incentivam, estimulam ao uso de bibliotecas? E será que só o incentivo propicia o seu uso efetivo? Temos fortes razões para crer que não, pelo seguinte:

1) Em primeiro lugar, o fator "disponibilidade de tempo"afeta os indivíduos diferentemente, segundo sua posição social. Portanto, é um elemento que também limita o uso de biblioteca. Se uma mãe dispõe de menos tempo para acompanhar a criança à biblioteca, ou se a própria criança tem menos tempo livre, tampouco posso afirmar que todas as crianças têm as mesmas oportunidades de frequentar bibliotecas. Entretanto , quando as mães dizem: " A gente não tem tempo. Eles querem vir à Biblioteca, mas a gente não tem tempo de vir trazer", o funcionário entende que é só um pretexto, porque poderiam estabelecer um rodízio, como o fazem para levá-las à escola.

> *"Mas eles têm a mesma chance que os outros têm, porque nesse Grupo eles vão sozinhos, então podem vir na Biblioteca também. "Ah, mas é tarde, tenho lição para fazer". Aí eles põem uma porção de coisinhas assim".* (4)

2) A acessibilidade física, ou seja, a localização da Biblioteca é um fator que determina seu uso. Mais de um depoimento mostra isso com clareza:

"Não, não tem a mesma chance. Pelo poder aquisitivo. Se ele morar um pouco mais longe ele não pode, se não dispuser de dinheiro. Eu acho que é uma barreira muito grande". (5)

"Eu acho que em primeiro lugar é a localização que dificulta. Em segundo lugar talvez seja a falha na divulgação da Biblioteca... Por mais que eu vá nas escolas, no jornal, que eu divulgue, ninguém sabe que existe essa Biblioteca". (10)

"Tem muita criança que procura mesmo, que diz que gosta de vir, mas que não vem porque a mãe tem medo de deixá-la vir sozinho. Por causa do movimento nessa rua". (4)

É próprio do discurso ideológico as contradições, as lacunas e os deslocamentos. Se ele for até o fim, se for completo, porá a descoberto seu caráter ideológico. Por isso as explicações para o não-uso da biblioteca vão desde a falta de interesse das crianças e dos pais, ao desconhecimento da biblioteca, à falta de divulgação dela, falta da orientação na escola:

"Como é que a criança vai vir aqui, sem nem saber como é uma biblioteca. Tem criança que nem conhece, nem sabe como é uma biblioteca. Eu acho que uma orientação na escola ajudaria bastante a criança". (3)

"Mas é uma falta de interesse, de motivação maior para vir. Porque se mora perto conhece. Vieram crianças de 11-13 anos e falaram assim: "Ah, professora, é a primeira vez que eu entro numa biblioteca. Quer dizer, uma criança de 13 anos já teve oportunidade anteriormente de entrar numa biblioteca e nunca... A partir desse

momento que ela vem, ela conhece, ela vê que perto da casa dela tem uma biblioteca, etc. ela se interessa mais em vir". (8)

"... Ou então não frequenta porque, o que é raro, em casa deve ter uma grande fonte de conhecimentos. Em geral elas não têm em casa. É porque elas não ligam mesmo". (1)

Apesar de ter uma certa percepção de que são as condições reais (falta de tempo, de informação - que estão ligadas à situação de classe) que impedem o uso da biblioteca, os funcionários afirmam que as crianças não a frequentam por uma questão de escolha pessoal. Segundo o liberalismo os indivíduos é que escolhem, voluntariamente, de acordo com seu interesse e capacidade, o curso que os conduziu a um estágio de probreza ou riqueza [8] (grifo nosso). Para não tornar evidente o interesse de classe que está implícito em sua prática, a Biblioteca Pública coloca, ao nível de discurso, seu interesse como sendo também o de todas as classes. Por isso é que as crianças das classes populares não se interessam, mas deviam se interessar. Da mesma forma se justifica a diferença de oportunidades no uso de bibliotecas:

"Acho que as chances não são as mesmas. Mas acho que todas deveriam ter iguais condições de conhecimento de como funciona uma biblioteca, e de facilidades para vir à Biblioteca, para dizer que as chances são as mesmas". (1)

---

8. Luís A. R. CUNHA, op. cit., p.28-9.

O "dever ser" é exatamente a distância entre aquilo que se diz e aquilo que se faz. Isto ocorre porque se confunde "igualdade de fato" com "igualdade de direito". Na concepção liberal a igualdade é do segundo tipo, isto é, perante a lei todos os indivíduos têm o mesmo direito à instrução, à cidadania, à cultura, etc. Se todos vão ter as mesmas condições materiais para tal, já não é problema do Estado, mas do indivíduo. O liberalismo, através do individualismo, coloca no indivíduo a razão de seu sucesso ou fracasso social, pondo a salvo de críticas a organização social. Se o indivíduo quer, se interessa, ele vai em busca. Tanto o "interesse" está ligado à classe social do indivíduo que temos o seguinte depoimento:

> *"Tem e não tem a mesma chance, não é? Porque essa Biblioteca não vai interessar a uma pessoa que tenha outras oportunidades. De uma classe mais alta não vem. Depois já aconteceu de vir e não se dar bem com as outras crianças daqui. Porque aqui é o centro da cidade e as crianças são mais agressivas. É diferente! Uma criança mais pobre, de nível sócio-econômico mais baixo é diferente de uma criança mais educada".*(12)

Este foi o único caso em que se afirmou clara e diretamente que existem diferentes bibliotecas para classes sociais também distintas. Assim, se a biblioteca é para os pobres uma criança de classe mais alta "não se dá bem". A opção do funcionário também está bem clara, quando afirma:

> *"A gente já resolveu ficar com as crianças que tiverem realmente interesse de fazer alguma coisa na Sala. Porque não adianta você juntar um monte de crianças e falar: " A Biblioteca tem uma frequência alta, isso aqui-*

lo". E a criança só estar destruindo. Precisa ver que aqui ela não paga, ela ganha aquele material. E a gente também tem o direito de mandar embora quem está apenas destruindo as coisas". (12)

Apesar de todas essas considerações, diz a mesma pessoa:

"Desconsiderando o nível sócio-econômico das crianças, as oportunidades são as mesmas. Vem quem quer". (12)

A "gratuidade" dos serviços só serve para reforçar esse raciocínio:

"Eu acho que todas as crianças têm as mesmas chances. Tudo é gratuito, não tem nada pago". (10)

A igualdade de oportunidades no uso de bibliotecas demonstrou ser a questão mais controversa, por se constituir na ideologia mais difícil de se sustentar no estágio atual. As desigualdades aparecem em todas as esferas de atividades e são cada vez mais visíveis. Exatamente por isso, o discurso e a ação dos funcionários são tão ambíguas.

3.2 - Fatores de seletividade : referentes ao acesso

Como vimos, numa sociedade que tem por objetivo operar a separação dos indivíduos em classes sociais, os direitos e oportunidades não são nem poderiam ser os mesmos para todos. Vamos verificar, então, quais são os fatores que impedem ou selecionam o acesso às Bibliotecas Infantis de São Paulo. Denominamos dessa maneira os fatores que se seguem, porque impedem mesmo a chegada do leitor à Biblioteca. Como veremos mais

adiante, existem outros que, apesar de permitirem a chegada do usuário à Biblioteca, levam a um atendimento diferenciado ou discriminatório.

1) Localização da Biblioteca:

Na medida em que as Bibliotecas Infantis ainda são em pequeno número paradimensões de uma cidade como São Paulo, sua localização é fator importante de seletividade no acesso. De acordo com o mapa da cidade (ver p.33) e segundo a classificação da COGEP (Coordenadoria Geral de Planejamento) por faixa de renda, há nas zonas mais centrais e de maior poder aquisitivo 13 Bibliotecas e no restante da cidade mais 11 Bibliotecas. Ainda de acordo com dados da COGEP, o crescimento populacional da década de 1960-70, foi maior justamente na Zona Leste e nas áreas periféricas (mais de 80%). De 7 Bibliotecas criadas a partir de 1965, 5 o foram nessas áreas. Alguns bairros da Zona Norte (Santana e Tucuruvi) e da Zona Sul (Saúde, Ibirapuera) tiveream crescimento de 40%-79%, os bairros do Centro e Jardins foram os que menos cresceram (de 0 a 39% bairros como Lapa, Perdizes, Pinheiros, Vila Mariana, Aclimação, Jardins) e, em alguns casos, houve até redução, ou seja menos de 0% (Barra Funda, Brás, Mooca, Cambuci, Bom Retiro) [9].

Portanto, ao invés de considerar os números absolutos por Zonas somente, é preciso enxergar os dados também sob este

---

9. Coordenadoria Geral de Planejamento (COGEP), São Paulo (cidade), op.cit.

aspecto. Mesmo que se desconsidere o déficit de Bibliotecas em cada bairro antes de 1960, a partir dos dados da COGEP, o número de Bibliotecas na Zona Leste e periferia da Cidade deveria ser em torno do dobro do restante do Município. E não é isso que ocorre. (Anexo 4)

Poderia argumentar-se que o serviço de Caixa Estante, destinado "a população da periferia, cuja frequência às Bibliotecas é dificultada pela distância", supre o déficit de Bibliotecas nesses locais. A Caixa Estante, estruturada em madeira, comporta aproximadamente 200 obras de ficção cujos temas atendem a faixa-etária de 3 a 17 anos. Entre seus objetivos estão o atendimento às necessidades das escolas de 1º grau e entidades, no que se refere à literatura, em relação à leitura no próprio estabelecimento e a criação do hábito de leitura". (Ver folheto explicativo - Anexo 5) Embora seja um trabalho expressivo quantitativamente - não podemos afirmar que o atendimento é equivalente ao de uma Biblioteca Ramal, pois não fornece livros didáticos, por exemplo, dos quais as crianças necessitam para o cumprimento das tarefas escolares. Na verdade, o atendimento é restrito às entidades que solicitam à Caixa, funciona em regime de voluntariado e o acervo é menos diversificado do que o das Bibliotecas.

As entrevistas com os funcionários confirmaram a importância da acessibilidade, para maior uso da Biblioteca:

> *"Essa turminha que vem muito, que vem todo dia, mora tudo na mesma rua. É uma rua próxima. É do lado aqui".*(2)

"Eles moram perto da Biblioteca. Dá para vir a pé. Tanto é perto para eles estudar como vir à Biblioteca. Estudam neste Colégio aqui em cima. A maioria que frequenta essa Sala mora tudo aqui perto". (4)

"São crianças que moram aqui perto que vêm a Biblioteca".(6)

"São crianças que moram nas redondezas ou que moram em bairros mais distantes e que não têm biblioteca, que continuam vindo à Biblioteca".(8)

"Existem grupos de crianças mais frequentes na Biblioteca. Existem até aqueles que a gente dá atribuições... Todas elas moram próximo à Biblioteca, não precisam tomar condução... Questão de localização, divulgação da Biblioteca. Eu acho mais uma questão de localização que influi no uso de bibliotecas". (10)

"As crianças que vêm sempre, sempre, é também porque moram muito próximo. Talvez porque são mais livres dos pais, têm possibilidade de vir sozinhas à Biblioteca. Agora, esses que estão impossibilitados pela idade, dependem dos pais para realmente frequentar. Porque depende de condução". (11)

"Acho que os que moram mais próximo é que vêm com mais frequência, que são mais constantes". (12)

Além do fator tempo, no caso de morar distante, a criança que precisa tomar condução fica limitada pelo fator econômico:

"Às vezes a criança quer vir mas a mãe não tem o dinheiro para ela vir e voltar. Nunca ela vem sozinha. Ela que um amiguinho, um vizinho, que também muitas vezes não pode pagar. Fica quase Cr$100,00 para uma mãe mandar dois filhos passarem uma tarde aqui. Então, isso é uma limitação serissima para a criança (...) São crianças que moram próximo as mais frequentes(...) Vêm, as crianças vêm da periferia. É isso que eu digo: o que dificulta é a condução, o dinheiro da condução. Porque às vezes elas ficam aí, como eu disse, com fome. Não voltam para o almoço porque não podem, não dispõem de dinheiro para fazer duas viagens. Parece mentira, parece bobagem, mas é um problema muito sério". (5)

Quando a questão monetária se coloca, aparece também a necessidade que a criança tem de fazer a visita à Biblioteca:

"Mas a criança que vem de longe é sempre a pesquisa que traz. A professora pede, ela acaba vindo à Biblioteca porque não tem em casa. Tem criança que vem de longe mesmo, toma condução ... ". (6)

"Eu acho que muitas crianças que vêm só para pesquisa, o problema é de morar longe. Se não for para fazer pesquisa eles não vêm. Porque vão ter que tomar condução, vão ter que dispender dinheiro para isso. É um pessoal que mora mais longe da Biblioteca, fica mais difícil para eles virem. Nesses dias que eles vêm, eles ficam na Sala de Artes, eles se interessam, mas realmente não dá para continuarem vindo sempre, por causa da distância de casa".(8)

Outro aspectó do problema de acessibilidade é a segurança:

> *"Porque, às vezes, a mãe não deixa a criança vir, simplesmente isto... As ruas, atravessar as ruas".* (2)

> *"Nós temos problema de trânsito aí na frente. Você sabe que já teve até uma época que uma criança foi acidentada. Foi fatal, e eu acho que isso é uma coisa tão importante. É um problema isso! Há muito tempo, há muitos anos que vem esse problema e até hoje não foi solucionado. Não foi falta de pedidos daqui".* (3)

> *"Porque tem muita criança que procura mesmo, que gosta de vir, mas não vem porque a mãe tem medo que venha sozinho. Por causa do movimento aqui nessa rua. Outros não, já estão acostumados".* (4)

> *"Outra limitação é o perigo para atravessar as ruas, porque aqui é um bairro muito central, muito movimentado. As mães também têm medo de mandar os filhos, elas não podem trazer, então também as crianças deixam de vir por isso".*(5)

> *"Antes de ter essa avenida aqui, eu não trabalhava aqui, mas a L. disse que a frequência era muito maior na Biblioteca, porque era mais fácil de vir. Não tinha trânsito. As mães que podem trazer... , mas tem aquelas que têm mais o que fazer, ou senão trabalham fora. Então, preferem que as crianças saiam da escola e fiquem em casa. Só vem quando há muita necessidade de fazer a pesquisa. Mas se vem para fazer uma lição... ".* (8)

Várias bibliotecas, ao mesmo tempo em que lembraram os riscos de acidentes (atropelamentos, principalmente), ci-

taram pedidos de guardas, semáforos, placas de advertência , mas não foram atendidas ou o foram temporariamente:

> "A discussão que teve é que até hoje não foi resolvido o problema. Agora "por que" também não sei. Sei que já foram muitos ofícios enviados, sei que uma época teve guarda. Depois o guarda saiu, não colocaram outra pessoa no lugar. Ficou assim. Não vou dizer que afeta a frequência, mas a criança corre perigo. Mas afetar... Se a criança precisa ela vem. Na época que aconteceu o atropelamento creio que as mães das amiguinhas devem ter ficado assustadas e até devem ter proibido, não sei .... Porque a gente não tem conhecimento com a família das crianças. Mas se torna difícil! Não sei se você viu o perigo que é". (3)

Enfrentando toda sorte de problemas e obstáculos, se a criança precisa ir à Biblioteca ela vai, correndo todos os riscos. Isso é verdadeiro, principalmente para as menos favorecidas:

> "E tem uns que por não ter condições, acham importante vir aqui na Biblioteca, que a gente ensina. Ela não sabe fazer uma lição: Eu não tenho condições nem de fazer uma conta "diz a mãe (...) Outras que têm estudo ajudam os filhos em casa e acham que não é necessário vir à Biblioteca. Elas mesmas fazem a pesquisa para os filhos". (2)

> "São crianças na maioria carentes, que não têm poder aquisitivo para comprar o livro, não têm outro lugar para eles, para se distrair. É uma criançada boa: não é submissa exigem as coisas, são às vezes até exigentes. Mas eu gosto! (risos)". (6)

"Quanto ao nível sócio-econômico nossa Biblioteca é diversa: tem um público classe média, não média alta. É um público também muito carente, que precisa de uma atenção maior. Porque é coisa que eles não têm mesmo em casa, e na escola os professores não dão uma orientação mais efetiva para eles. Se fosse público de nível classe média, os próprios pais dão mais informações para as crianças. O nosso público aqui, não tem. Essas crianças são a maioria". (8)

Com tudo isso, ainda houve quem dissesse:

"Uma má vontade total! Igual a Escola Municipal Y. Eles, sempre que podem, vêm. Agora já tem que atravessar o rio, então a Diretora tem medo de vir com a Escola. Porque já teve atropelamento de criança da Escola. Ela ficou receosa. Tem que atravessar o rio, a ponte, ela tem medo. E aí fica difícil". (2)

É preciso lembrar ainda que, em muitos casos, as Bibliotecas ficam escondidas: não têm uma placa, uma faixa, nada que as identifique.

"... a localização da Biblioteca. Se ela estivesse localizada num lugar mais plano, de mais fácil acesso... Porque aqui é meio retirado. Quando eu vim trabalhar aqui, eu vim antes ver onde era. Eu não achava aqui!" (2)

"Aqui tem um problema: a Biblioteca fica escondida! Não tem placa. Eu já lutei por isso, para pôr. Pelo menos uma faixa lá na frente: "Biblioteca Infantil - 1º andar! Agora estou pedindo ao Diretor do Teatro, para ele me dar um cantinho do hall de entrada, para colocar um mural (...) Mas mesmo assim é dentro do prédio. Eu quero colocar é fora. Atrairia mais". (10)

Quanto ao fato de algumas Bibliotecas estarem em local abaixo do nível da rua, ou ao lado de terrenos baldios, foi colocado o seguinte:

> *"Andou tendo uns tarados aí em volta da feira e andou tendo uns assaltos. Eu acho que isso também intimida as mães de deixar as crianças vir na Biblioteca. Porque a Biblioteca não é no mesmo nível da rua, é embaixo. Às vezes as mães ficam com medo de deixar eles virem sozinhos, principalmente as meninas. Se demoram, as mães já ficam telefonando, vêm correndo atrás. E às vezes a mãe vem junto para fazer a pesquisa. Vem fazer a pesquisa e vai embora, porque tem outros afazeres e não pode ficar aqui a tarde toda. Antigamente não tinha esse negócio de falar: "Na Biblioteca tem tarado, não-sei-quê. Era muito difícil. Andou um aí, a semana passada, que nós até chamamos a polícia. Já houve até assalto aqui do lado".*(2)

Ultimamente, a questão de segurança suscita muita preocupação entre os funcionários das Bibliotecas Infantis.

Embora a localização seja um fator podemos dizer determinante do uso de bibliotecas, em alguns casos ela não o é. Trata-se do caso específico da Biblioteca "Monteiro Lobato" que, sabidamente, oferece mais serviços e tem mais recursos:

> *"As crianças frequentam a Biblioteca primeiro porque é perto. E é um lugar onde elas se encontram, como se fossem para um clube, tem aquela coisa de adolescente que gosta de viver em grupo (...) Pode ser que a criança venha aqui porque não sabe que tem outra biblioteca mais próxima. Mas, quando é assim, a gente fala: "Por que não foi a tal Biblioteca?" Pode ser que passe a não vir, mas muitas continuam vindo porque acham que aqui tem mais coisa: ou mais ativi-*

dades ou mais material, não sei o que eles acham, o que eles vêem". (12)

"Vêm porque eles têm impressão, por ser um prédio maior, que a Biblioteca é melhor. Tudo bem, é maior, mais ampla, umas salas mais... É uma espécie de "Mário de Andrade" (...) Não, não há diferença quanto acervo com as Bibliotecas Ramais (...) Nós temos um acervo maior por ser mais antiga, mais livros de doação, que quando tem um só exemplar fica na Central mesmo, em vez de mandar para uma Biblioteca de bairro". (11)

2 - Horário de funcionamento das Bibliotecas:

O horário de funcionamento das Bibliotecas varia: algumas abrem às 7h e 30min e fecham às 19h; outras abrem às 8h e vão até às 18h e ainda outras, em menor número, abrem às 10h e encerram suas atividades às 18h. As últimas, em geral, estão localizadas nos bairros da periferia e não contam com número suficiente de funcionários para cumprir um horário mais dilatado.

De maneira geral, o horário dos dias de semana atende às necessidades da população com exceção das classes populares. Funcionários fizeram menção à admiração dos pais quando ficam sabendo o horário da Biblioteca, principalmente naquelas que funcionam de 7h e 30 min às 19h. Mas há demanda por um horário mais dilatado aos sábados, que atualmente é de 8h às 12h para todas as Bibliotecas. Os frequentadores argumentam que esse horário é insuficiente, à vezes, porque algumas pesquisas requerem tempo:

"Aos sábados têm sugestão de funcionar no período da tarde, que às vezes tem que fazer pesquisas e falam: "Ah, porque a Biblioteca não fica mais tempo aberta?" Já, já foi falado na Chefia do Departamento. Mas não sei como se faz mudança de horário, se tem funcionário para vir no período da tarde. Tem que ver isso".(8)

"Esses que frequentam aos sábados trabalham. Eles falam é se eles não poderiam conversar com alguém, para a Biblioteca funcionar até mais tarde. "A gente tem folga só no sábado, para fazer trabalho. E também quer domir mais um pouquinho. Mas tem que levantar cedo para vir à Biblioteca. "Sempre que eles chegam, já está em cima da hora. Tem uns que chegam às 11h e aí não dá tempo, conforme o trabalho. Perguntam se a Biblioteca não pode funcionar de domingo, como funciona a do Centro (biblioteca de adultos), ou então no sábado até mais tarde. Eu falei que, por ser Biblioteca Infantil, no meu ponto de vista nem precisaria abrir no sábado. Mas ela funciona aos sábados, principalmente por essas pessoas mesmas que têm direito (15-16 anos), de 2º grau para cima. A maior parte que vem fazer o trabalho no sábado são esses que trabalham. Que eu saiba esses pedidos nunca forma levados à Chefia do Departamento".(4)

Portanto, os que fazem esse tipo de pedido são os adolescentes que trabalham, ou crianças que durante a semana não têm tempo para ir à Biblioteca. Não é raro irmãos ou amigos irem à Biblioteca fazer a pesquisa por aqueles que trabalham.

3.3 - Fatores de seletividade: referentes ao uso

Analisamos no ítem anterior os fatores que impedem o acesso de toda a população à Biblioteca Infantil, tais como: localização e horário de funcionamento da Biblioteca. Estes são fatores mais visíveis e, portanto, mais evidentes da desigualdade. Mas, existem outros fatores bastante sutis e que, por essa razão, agem com maior eficiência no sentido de camuflar as desigualdades, do que os citados anteriormente. Por não impedirem a chegada do leitor à Biblioteca, mas agirem dentro do seu próprio recinto, resolvemos denominá-los fatores de seletividade referente ao uso.

1) Falta de funcionários:

Esse fator está presente em todas as Bibliotecas, praticamente. Vejamos os depoimentos:

> *"Porque a gente tem muita dificuldade com funcionário. A Biblioteca está sempre cheia de crianças. Então, o Chefe também ... Porisso é que eu digo: eu tenho contato com a criançada, apesar de não ser minha atribuição".* (10)

> *"E aqui precisa de mais funcionário também. Às vezes você tem que fazer mil coisas ao mesmo tempo e não dá conta. Claro, você não vai poder atender a criança como deveria".* (12)

> *"Tem um funcionário que foi requisitado para trabalhar na Chefia. E esse funcionário não foi substituído. No período da manhã, por exemplo, não temos*

guarda. Para tomar conta da Portaria, para ver as crianças entrarem, tomar conta dos livros, dos cadernos, das crianças, que elas não podem entrar na Sala com bolsa (...) Não tem funcionário para fazer esse serviço. Tem também o problema do funcionário entrar em licença médica".(8)

"Deveria ser dois funcionários em cada período para ficar um atendimento perfeito. A falta de funcionários tem trazido maiores problemas, por falta de condições de fazer uma programação mais bem feita". (11)

No entanto, a escassez de pessoal é maior na Bibliotecas de bairros periféricos e de menor poder aquisitivo. Por duas razões: 1) atendem a uma população maior; 2) em geral, os funcionários residem no Centro da cidade e escolhem para trabalhar nas bibliotecas próximas às suas residências. Uma funcionária que trabalha na Zona Leste, explicando porque sua Biblioteca conta com poucos funcionários, respondeu:

"O pessoal acha aqui longe. Eu, por exemplo, tomo duas conduções para vir. Você acha que se eu conseguir uma "boca" na Biblioteca perto da minha casa , não vou para lá?" (10)

Outro exemplo, também da Zona Leste:

"O que nós aqui, funcionários, sentimos é que o horario da manhã faz falta. É incrível! Mas a nossa frequência das 10h às 11h é sobrecarregado. Das 14h às 18h é mais tranquilo. Às vezes, das 15h às 18h aumenta a frequência. Mas às 10h, que abre a Biblioteca, tem dias que a gente não consegue colocar todas as crianças na Sala de Pesquisa. A gente faz fila, e sente que são, principalmente, crianças que

estudam de 13h às 17h, e vêm aqui no período da manhã. Mas a gente só começa o atendimento às 10h ; porque é uma turma só de funcionários. Realmente, se a Biblioteca for aberta às 8h, às 8h já terá freqüência. Mas não é possível, isso". (7)

Por outro lado, diz uma funcionária da Zona Sul:

"Algumas Bibliotecas parece que são ainda bastante carentes, não sei se de material, mas de conforto, de salas maiores, maior quantidade de funcionários. Esta Biblioteca é bastante grande. Ela tem mais recursos que as outras, talvez por ter sido uma das primeiras a ser inaugurada. Já está estabelecida há muitos anos, foi se aprimorando, tem um prédio mais moderno (...) Porque, além da Sala de Pesquisa tem outras Salas. Então, é aquele chamariz: teatro, etc. Tudo isso é um atrativo para a criança vir à Biblioteca. E também pela leitura. Todas as Salas funcionam normalmente. Antigamente, a Sala de Artes funcionava só de tarde: agora, de manhã e à tarde. Sala de Leitura Infantil, antes só abria à tarde. Agora, já está abrindo de manhã também. Por falta de funcionário mesmo é que não abria". (9)

Além da carência de pessoal em termos quantitativos, vários funcionários colocaram a falta de pessoal especializado:

"Há falta de pessoal especializado, professor de educação infantil. Eu acho que eles não têm verba, porque eles não mandam funcionário (...) É preciso contratar gente realmente especializada, que gosta de criança. Porque já teve época que eles contrataram gente que não tinha capacidade nenhuma. Porque a política... Não adiantava nada: só tinha número de

gente aqui, porque o serviço não saía". (2)

"Eu penso que deveria existir educadoras nas Bibliotecas". (4)

"Outro problema global é a falta de funcionários, também de funcionário especializado para cada atividade. Às vezes, saber como se fazer o atendimento na Sala de Artes resolveria o problema. Deveria haver uma orientação maior, e essa iniciativa deve ser pelo Departamento". (8)

"Se tem várias Salas, o ideal seria que em cada Sala tivesse alguém especializado. Por exemplo, em Artes Plásticas para a Sala de Artes e na Discoteca alguém que entendesse de música. E não é assim que acontece". (12)

Parece não haver, ou melhor, não há nenhuma política de aproveitamento do pouco pessoal especializado existente nas Bibliotecas. Diz uma funcionária:

"Eu fiz Pedagogia, Belas Artes, Educação Artística mil cursos, e isso aí não tem a menor importância para cá, para você ser contratada para determinada Sala. Eu pedi, insisti, para ficar na Sala de Artes, porque é o que eu gosto de fazer. Eu acho que aí eles querem fazer uma economia com o pessoal, e é isso aí. Quer dizer, essa Biblioteca acho que teve melhores condições. Quando ela foi criada, foi para ser muita coisa. Nas atuais condições não dá para as pessoas desenvolverem uma atividade melhor". (12)

Portanto, além do problema de falta de verbas para a contratação de pessoal qualificado, há também o uso de pessoal especializado em outras funções que não a de sua especialização. Questões burocráticas também foram citadas para a falta de educadores nas Bibliotecas:

"Eles falaram que educadora em Biblioteca não podia, devido ao horário. Educadores têm menos horas de trabalho. Para contratar as educadoras tinha que seguir o horário da Biblioteca. Era essa a dificuldade deles. Depois, eles salientaram que era falta de verba, que não podia contratar. E eles tinham que resolver a situação em todas as Bibliotecas com os funcionários que tinham. Mas sempre eles alegam problema para contratação: que não tem verba, aquela coisa toda".(4)

2) Falta de recursos materiais:

Livros:

Embora hoje se diga que a Biblioteca não lida ou se apoia somente no livro, mas em todas as formas sobre as quais a informação aparece, as Bibliotecas Infantis utilizam, basicamente, esse tipo de documento. Dizem os funcionários, acerca do acervo de suas Bibliotecas:

"Nós temos um acervo maior por ser uma Biblioteca mais antiga, temos mais livros de doação". (11)

"90% das solicitações são atendidas. Quando a gente não tem material, ou é material muito recente que a Biblioteca não possui, o funcionário indica as bibliotecas especializadas e bibliotecas que têm. Às vezes só não atende porque o nível da Biblioteca logicamente é só até 16 anos, e se vem alguém mais velho, você não atende e não pode mesmo atender".(1)

"Existem algumas coisas que não tem mesmo. Às vezes eles querem coisas muito atuais, e os livros ainda não têm. Só por esse motivo não atende: só quando não tem". (2)

"Alguma coisa que é mais atual, que nós não temos. Sempre acontece: alguns dados, alguns fatos que acontecem... ".(3)

"Tem a questão da Sala Circulante que não tem a quantidade necessária de livros. Às vezes o trabalho é passado para uma classe e nós temos dois ou três exemplares. A gente não consegue atender. A mãe vem falar que não pode comprar e tal. A gente, sempre que é possível, pede ao Departamento (riso de desconsolo). É, eles atendem na medida do possível, são muitas bibliotecas. É sempre aquela conversa mesmo: falta de verbas. Às vezes compram os livros, mas quando chegam já passou a necessidade. Isso acontecia muito com os livros didáticos. Agora, a parte de ficção, romance, não. Porque não usa este ano, no outro pode ser útil (...) Tinha uma funcionária que fazia sempre sugestões e sugestões de compra. Ela fazia isso há um tempo atrás. Quando o livro chegava na Biblioteca já era quase fim de ano, a professora já não queria mais aquele, queria um outro. Ultimamente, para ser franca, não tenho mais feito sugestões". (6)

"Tem alguns livros que fazem falta, e são poucos livros para muita gente. Eu tenho sugerido livros para compra, mas em vão. Porque estão sendo criadas novas bibliotecas e a gente sente que vieram poucos livros, principalmente em relação ao ano passado. Temos assuntos novos, que nos livros a gente não encontra. Um outro problema é com relação à reparação de livros. A criançada, é inevitável, estraga livros. Tem livros muito bons em termos de conteúdo, mas fracos; não são livros feitos para biblioteca. Eles aturam muito pouco. A criançada pega o livro, de repente está todo estragado. O que acontece é que eles demoram

muito para reparar os livros. Vai para mais de um ano, a primeira vez que o livro foi para consertar. Há muitos livros aí, parados. Isso faz muita falta".(7)

"Acervo? Eu acho que já está um pouco ultrapassado. Nós não temos um jornal do dia, não temos uma revista".(10)

O que se percebe, com relação ao acervo, é que todas estão com áreas inteiras constituídas de material obsoleto. Um recurso para suprir essa falha são doações de pessoas, geralmente residentes nas proximidades das Bibliotecas. Essas doações ocorrem, principalmente, nas Bibliotecas da Zona Sul, ou em bairros privilegiados como o Alto de Pinheiros, e que - em alguns casos - chegam a ser muito significativas. No Alto de Pinheiros chegam a constituir um terço do acervo da Sala Circulante. É fácil entender porque isso ocorre: os moradores possuem verdadeiras bibliotecas em suas casas, e ao final de cada ano se desfazem dos livros já utilizados, no caso dos didáticos, ou já lidos. Já na Zona Leste, presenciamos uma única doação. Tratava-se de revistas "Seleções do Readers' Digest" da década de 40-50, que não teriam a menor utilidade naquela Biblioteca.

Podemos imaginar de que maneira fatores como: demora na chegada dos livros às Bibliotecas, falta de livros para atividades escolares do ano, prejudicam as crianças das classes menos favorecidas. A criança cujo pai pode arcar com o custo, vai comprar o livro ao invés de esperar que a Biblioteca o receba. As outras, podemos supor que, ou ficarão atrasadas nas suas atividades, ou simplesmente deixarão de cumpri-las.

Jornais e revistas:

Partimos do pressuposto de que esses meios de informação são imprescindíveis ao trabalho das Bibliotecas Infantis. São eles que trazem as notícias mais recentes e dados atualizados sobre os mais variados assuntos. Levando-se em conta que, grande número de trabalhos escolares são realizados a respeito de acontecimentos atuais, todas as Bibliotecas deveriam contar com esse tipo de material.

Com relação aos jornais, a situação é a seguinte:

> *"Temos arquivo de recortes de jornal. A Biblioteca recebe jornais, três jornais por dia: "Folha de São Paulo", "Jornal da Tarde" e "Jornal do Brasil". Não, nem todas as Bibliotecas recebem. Só as Bibliotecas-piloto. Quantas elas são, eu não sei. As outras bibliotecas próximas nunca utilizam esta Biblioteca. Nunca utilizam porque criança não têm autonomia para sair de uma biblioteca para outra, sem que a mãe saiba. Então, ela chega na Biblioteca, a bibliotecária manda para outra. No fim vai para casa, vai falar para a mãe, então ela já virá direto para cá (...) Nós achamos até um desperdício! Acho que seria mais simples como fazíamos antigamente. Qualquer funcionário daqui que visse no jornal uma notícia que pudesse aproveitar, recortaria e traria para cá. A gente já faria a ficha, uma coisa empírica, mas funciona. Muito mais do que muita matéria, muito jornal. A gente nem tem lugar para guardar ". (5)*

> *"Aqui existe arquivo de recortes: de jornais, gravuras. Esta é uma das Bibliotecas-piloto. As outras Bibliotecas utilizam esse recortes raramente. A idéia seria essa, de que as outras Bibliotecas da*

mesma Zona de localização utilizassem, mas quase não solicitam. Não sei porquê. Acho que devido à dificuldade de condução, tempo. Além dos recortes que fazemos aqui, recebemos jornais do Departamento. Antigamente nós recebíamos os recortes prontos. Agora, eles mandam os jornais e nós recortamos de acordo com as necessidades de nossas crianças". (9)

"As crianças podem recorrer, ainda, a recortes de revistas e jornais".(11)

Os funcionários de Bibliotecas que não recebem jornais através do Departamento, dizem:

"Esses assuntos mais recentes, nós temos um arquivo de recortes, Seria para a gente recorrer a uma outra Biblioteca Ramal que recebe os jornais. Então, muitas vezes, a gente não atende a criança nessa parte". (6)

"Nós, inclusive, fazemos listagem dos assuntos que as crianças pedem, e que nós não temos. Coisas mais recentes, por exemplo, artigos de jornal. Nós fazemos nosso fichário de recortes: a gente lê jornal, vê alguma coisa, um fato interessante que está ocorrendo. Mas eu acho que é interessante esse trabalho vindo da própria Chefia do Departamento. Um arquivo de recortes com os acontecimentos mais importantes. Por exemplo, as Bibliotecas-piloto que têm esse material. Mas as outras Bibliotecas ficam ressentidas (sic) desse material, ficam em defasagem. Porque alguma coisa que aconteceu na semana passada e que as crianças já pediam... vêm à Biblioteca fazer a pesquisa e a gente fica sem ter como atender".(8)

"Eu não tenho recortes de jornal. Eu teria que receber da Biblioteca X. Vamos dizer que ela recebe três jornais por dia. Qual é a condição que essa moça vai ter de, todos os dias, enviar as notícias mais importantes? Como??! Ela não tem condução, pessoal, ela luta com as mesmas dificuldades. Não adianta! Aquele jornal do dia, talvez daqui um mês ela vai me mandar os recortes. Que adianta? Por que nós não temos pelo menos a assinatura de um jornal? A gente empresta coisas da biblioteca de adultos, manda fazer xerox. Ali tem revistas, jornal. Eles acodem a gente".(10)

A falta de recursos levou a direção do Departamento de Bibliotecas Infantis a dividir a Cidade em quatro Zonas: Norte, Sul, Leste e Oeste. Dentro de cada Zona, escolheu-se aquela mais central e de acesso mais fácil. Essas Bibliotecas são as Bibliotecas-piloto. São elas que recebem jornais diariamente, e também outros materiais de maior custo, como equipamentos audio-visuais. Sempre que as outras Bibliotecas necessitem desses recursos, devem dirigir-se à Biblioteca-piloto correspondente.

No que se refere aos jornais, inicialmente o trabalho dessas Bibliotecas-piloto era receber os recortes já prontos, enviados pela Biblioteca "Monteiro Lobato", arquivá-los e fornecê-los, a pedido, a outras Bibliotecas de sua Zona de localização. Mais tarde, passaram a receber os jornais, e tiveram que proceder também à seleção do material a ser arquivado.

Mas a idéia de circulação do material pelas várias Bibliotecas da mesma Zona de localização não tem funcionado na prática, como pudemos verificar pelos depoimentos. Os re-

cortes só são utilizados pelas Bibliotecas-piloto mesmas. Fatores como: distância, impossibilidade da criança se deslocar para outra Biblioteca, não-disponibilidade de pesssoal seja da Biblioteca requisitante, seja da Biblioteca fornecedora, para retirada e devolução do material, levam à presente situação. Isto configura, novamente, um tratamento desigual para as diferentes Bibliotecas da Rede. A não-existência de uma infra-estrutura mínima, que deveria ser fornecida de maneira uniforme a todas as Bibliotecas, pelo Departamento de Bibliotecas, leva à solução decorrentes de iniciativas pessoais de funcionários. Em várias Bibliotecas, são os funcionários que compram ou levam jornais de suas casas.

Não podemos sequer afirmar que os funcionários de algumas Bibliotecas são mais interessados do que de outras, e por essa razão procuram oferecer melhores serviços. Pelo mecanismo já bem conhecido, de que funcionários pertencentes a faixas econômicas mais altas tendem a ficar nas Bibliotecas de bairros acima da média, são eles que podem arcar com despesas como compra diária de jornais, para suprir as deficiências de seus locais de trabalho.

Além disso, existem outros serviços não-oficiais fornecidos por algumas Bibliotecas, que vão privilegiar as crianças já privilegiadas. Uma funcionária de uma Biblioteca-piloto informou:

> *"Nós temos até alguns serviços que não são serviços oficiais de uma Biblioteca. Nós temos um fichário de figuras, para ilustração de trabalhos. Por exemplo: D. Pedro II, uma árvore, uma ave, para que eles possam copiar, coisas fáceis deles copiarem, ou então, revistas. Às vezes vêm revistas com ilustra-*

ções que eu acho que posso ceder, nós guardamos. Aqui tem umas pastas que a pessoa encarregada guarda. Quando eles vêm pedir ela dá, se for o caso de dar, ou então dá para eles copiarem. A gente sabe que eles precisam e a gente faz". (5)

Diz, ainda, uma funcionária de Biblioteca da Zona Sul:

"As crianças pedem bastante gravuras para ilustrar trabalhos, mas isso já fazemos aqui. Separamos por assunto. Fazemos também recortes de Folclore e Turismo, para complementar mais ainda. São procurados demais! Mês de agôsto, que foi o mês dedicado ao Folclore, foi direto o uso de recortes!" (9)

Existe, ainda, um serviço muito solicitado pelos usuários e que somente é fornecido pela Biblioteca "Monteiro Lobato": xerox.

"... xerox também eles pedem muito. Serviço de xerox, atualmente, só existe na Monteiro Lobato. Agora, a criançada quando quer cópia, eu peço para um funcionário ir com a criança, depois o funcionário traz o livro. Quando eu vejo que é uma criança da Circulante, que eu conheço e sei que não vai haver problema de desaparecer o livro, ou pai que vem junto, o funcionário não precisa ir. A gente vai solucionando dessa maneira. Eles pedem para instalar a máquina (risos)... Não, isso nem foi levado ao conhecimento do Departamento, porque eu acho que tem tantas coisas que custariam menos e a gente não tem... Não sei, não sei se nós não estamos com uma visão muito alta. A gente pensa assim.. Bem, eu penso que seria praticamente impossível serviço de xerox para 30 Bibliotecas, como já somos". (6)

BIBLIOTECA
Escola de Biblioteconomia da UFMG

"Eu não sei se seria serviço da Biblioteca, mas aqui a gente sente falta de uma xerox (risos). Parece incrível! Porque muitos deles, não sei se trabalham ou dispõem de pouco tempo. O que tem acontecido ultimamente é um funcionário sair daqui com o aluno, até uma casa próxima de xerox. Então, a gente retem o documento e cede o livro. A gente sai com o aluno e cria um certo problema, devido ao pequeno número de funcionários. É razoável o pedido! A gente tem "quebrado um galho! Quer dizer, nunca a gente chegou a dizer "Não, a gente não vai sair!" e sim: "Você espera um pouco! É que é realmente exaustivo sair, tal. Na medida do possível, a gente vai quebrando esses galhos!" (7)

"Um serviço que eles solicitam muito, principalmente os adolescentes de 16-17 anos, é serviço de xerox, que nós não temos na Biblioteca. Às vezes eles precisam fazer uma pesquisa, mas não têm tempo para ficar na Biblioteca (...) Já foi levado à Chefia do Departamento, esse tipo de pedido. Também não há verba para... Porque se houvesse xerox numa Biblioteca devia haver em todas. Isso seria muito dispendioso. Acho que seria bem interessante atender o pedido, porque é um trabalho que ia beneficiar os consulentes. Às vezes, eles precisam de material para fazer empréstimo, aquele que não é inscrito na Biblioteca não pode fazer, é contra as normas (...) Se tivesse xerox ficaria diferente, já poderia tirar cópia do material". (8)

"Já tivemos ocasião em que um funcionário acompanhava as crianças até um xerox. Existia horário determinado: de manhã às 10h e à tarde às 15h. Quem precisasse de xerox deveria chegar pouco antes, escolher o material que necessitasse e o funcionário acompanhava. Desde que os livros da Sala de Pesquisa são

proibidos de sair da Biblioteca, indo com a funcionária não tinha problema ... Xerox de enciclopédias, dicionários, que são, livros que só encontramos na Sala de Pesquisa".(9)

"É um problema esse negócio de xerox. Precisa ir o funcionário junto com a criança. Nem sempre eu tenho o funcionário. Deixávamos a criança levar o livro: deixar um documento e levar o livro. Mas não estava funcionando. Estava sumindo livro, sumindo livro e tivemos que suspender". (10)

Vários funcionários posicionaram-se contra ou fizeram restrições ao fornecimento de mais esse serviço pela Biblioteca:

"... Mas talvez seja um vício da criança não querer copiar. A xerox ia facilitar demais". (9)

"Às vezes cabe o pedido, às vezes não cabe. Porque às vezes a criança está com preguiça. De ficar um pouco mais na Biblioteca, de copiar. Eu falo: "Vocês precisam escrever também, é uma oportunidade que vocês têm para escrever, para ficar mais tempo na Biblioteca, para verem outros livros". (...) Não, eu acho que precisa de xerox. Porque até mesmo nós precisamos de xerox. Se a gente tivesse aqui, seria muito mais prático". (10)

"... Mas é uma maneira para que a criança leia o conteúdo, não só tirar cópia xerox. Mas o xerox está servindo".(11)

A restrição existe porque se acredita que a possibilidade de obter cópias vai levar a criança a não querer ler

e copiar. Mas qual é a diferença entre uma cópia manuscrita e uma eletrostática? Como veremos no item referente à Pesquisa=Cópia, as crianças - com raríssimas exceções - sabem o que estão fazendo. E já que a pesquisa só equivale a uma nota, parece-nos coerente a "lei do mínimo esforço".

Sem entramos na discussão se fornecer cópias é ou não uma "boa" medida, a falta do serviço afeta mais aqueles que não podem, por falta de tempo, permanecer na Biblioteca.

No caso específico da Sala de Artes, apontou-se também a carência de material:

> *"Falta material para algumas técnicas, porque o material vem muito contado. Quando termina, eles querem continuar e aí não tem. Esses materiais são difíceis de conseguir. Você já pediu muito, e de repente aparece lá um material que você pediu há anos. Quando aparece! (...) Na Sala de Artes a gente inventa muita coisa que possa substituir o material. Se a gente for esperar material para fazer as coisas, a gente não faz nada. Tem que se virar, inventar. O material está horrível para trabalhar, mas não vem outro. Falam que não tem verba para isso. São verbas que depois de muito pedir se consegue . Quando consegue o material está mais caro, aí já não dá para comprar o que se pensava".* (12)

> *"Agora mesmo eu estava precisando de umas letras para fazer cartaz. Então, se eu não tenho dinheiro para comprar essas letras, tenho que pedir. Aí dizem: "Não tem verba". E eu fico sem. Então, a solução seria: para cada Ramal uma verba X, para essas coisas".* (10)

Mesmo no caso de festas organizadas pelas Bibliotecas, as dificuldades são inúmeras:

> *"Porque agora mesmo nós passamos por esse problema (verba). Nós tivemos a festa de aniversário da Biblioteca, não tínhamos nenhum fundo a que recorrer. Acabamos nós mesmos fazendo todo aquele trabalho, porque se a gente fosse pedir ... Se a gente pedir uma purpurina, às vezes tem no Almoxarifado, mas fica tão longe que você gasta mais em condução, do que você gastaria comprando aqui perto".* (6)

> *"É um trabalho difícil. Porque nem sempre você conta com a colaboração dos Chefes. Porque ao fazer uma coisa, tem que se matar. Vai ter a festa das crianças e já me avisaram que talvez não tenha verba nem para pipoca. Não tem refresco, um nada. E vai ter que sair uma festa. Do nada!!!"* (12)

A lógica do sistema, de privilegiar os privilegiados, aparece no seguinte discurso:

> *"Aqui, por ser uma Biblioteca Central, parece que não deixa nada a desejar. Não, não tem privilégios. Talvez, nós conseguimos mais por ter mais condições (teatro, etc.), por ter mais funcionários ainda do que em bairro".* (11) (grifo nosso)

3 - Instalações físicas:

> *"Nós fizemos o pedido de reforma da Biblioteca. De fazer a Biblioteca com salas maiores, fazer uma Biblioteca mais ampla. Mas isso é impossível realmente devido ao tamanho do prédio, do terreno também".* (8)

"Eu já discordei da Diretora. Eu acho a iluminação de nossa Sala de Pesquisa muito fraca, é uma opinião minha. Acho que pelo tamanho da Sala, é um absurdo o número de lâmpadas que tem lá. Não sei se é porque a gente tem contato com salas de aula, a gente percebe. Você entra numa sala de aula, é super-clara. Eu acho a Sala Infantil e a de Pesquisa deficitárias, em termos de iluminação. A Sala de Pesquisa, ultimamente, tem sido pequena pela frequência (risos)". (7)

"Diz que vai reformar a Biblioteca, mas eu não acredito que seja uma coisa que vá resolver. Nessa salinha minúscula se passa slides. Você não pode ter mais do que 15 crianças, porque senão fica abafado. Todas as Salas são apertadas, até a Pesquisa (...) Eu não sei onde a gente vai pôr os livros, quando eles chegarem. Parece grande o prédio, mas não é ajeitado. Não foi feito para isso".(5)

Críticas às instalações das Bibliotecas surgiram em menor número, mas são fatores importantes no seu uso. Filas imensas ocorrem nos períodos de maior atividade das escolas , principalmente naquelas Bibliotecas situadas em bairros populosos (Zona Leste, etc.) Como sempre, a alegação para a não-ampliação dos prédios existentes é a falta de verba. O mais grave é que, mesmo as novas Bibliotecas vêm sendo instaladas em prédios inadequados ao seu uso. Muitas vezes são instalações residenciais, adaptadas dentro do possível às novas finalidades.

A manutenção das instalações também é motivo de críticas:

"Uma reclamação que a gente tem tido, ultimamente, é quanto à limpeza (risos constrangidos). Uma desinfecção de livros nunca vi, desde que estou nesta Biblioteca. Livros empoeiradíssimos! Às vezes, a gente tem vergonha de tirar um livro da estante e dar para a criança".(9)

"Em geral, a Biblioteca tem faxineira, mas acho que precisava de mais gente. Por exemplo, o banheiro das crianças. Deveria ter alguém uma pessoa para o banheiro dos meninos e outra para o das meninas. Porque está constantemente sujo aquilo, e não só por culpa das crianças. Se pudesse deixar aquilo mais limpo. Filtro também, com água para as crianças. Desde que entrei para a Prefeitura (cerca de 7 anos) que está para reformar a Biblioteca. A pintura dessa Biblioteca está um lixo! É uma coisa suja, o teto está muito maltratado. Estão prometendo reforma para o ano que vem. Vamos ver!" (12)

4 - Regras e normas da Biblioteca:

a) Condições para inscrição na Sala Circulante:

Para matricular-se na Biblioteca, e com isso ter direito a levar material emprestado para casa, o usuário deve preencher alguns requisitos. O primeiro deles, é a faixa etária:

"O que acontece muito é assim: a gente tem Sala Circulante e oferece livros para crianças até 16 anos, porque nós somos Biblioteca Infanto-Juvenil. O que acontece muito é de pessoas com mais de 16 anos querer um livro emprestado e a gente não poder fazer isso. Porque tem muito aluno que tra-

balha ou dispõe de pouco tempo para vir aqui. A gente às vezes fala: "Você não tem um irmão mais novo?" Oferece essas soluções! Irmão mais novo ou alguém da família de 7 a 16 anos. Eu acho razoável esses pedidos de empréstimo. Porque vamos supor: a gente vê que os livros que a gente tem vão estar dentro de uma faixa com mais de 16 anos. Que o livro vai ser útil e que não é um caso que aparece, não é esporádico, é sempre! Mas a Biblioteca é Infanto-Juvenil, ela se propõe dar prioridade aos alunos de 7 a 16 anos. Não sei se abrir uma exceção não seria exceção mas exceções. Não sei se a Biblioteca pode ficar abrindo exceções (...) Não, não tem biblioteca de adultos perto. A mais próxima é em S.M., noutro bairro. Que inclusive é nova e não é de conhecimento de todos. Dez minutos de condução, daqui. Realmente, a gente precisa de uma biblioteca de adultos, mas de uma boa biblioteca". (7)

"Em primeiro lugar eu acho que não deveria ser Biblioteca Infanto-Juvenil, porque atualmente há esse problema do ensino supletivo. Se fala Biblioteca Infantil, já está se sentindo meio atrás. E ao entrar na Biblioteca Infantil ele vai se sentir mais para trás. Se pudéssemos chamar uma Biblioteca de 1º grau, eu acho que seria uma barreira a menos. E, em segundo lugar, há casos de adultos que não se pode dar livros de adultos, porque não tem capacidade para ler. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho tido várias crianças que poderia dar um livro de adulto, um livro bem mais elevado. Eu acho que essa diferença (separação Biblioteca Infantil X Biblioteca de Adultos) não deveria existir". (5)

A faixa etária dentro da qual se permite a inscrição do usuário na Sala Circulante é de 7-17 anos. Os funcionários não souberam explicar porque é exatamente essa faixa e não outra. Podemos supor que, foi em função da faixa de escolaridade obrigatória vigente na época de criação das primeiras Bibliotecas Infantis. Hoje, entretanto, com todas as mudanças ocorridas no sistema escolar, ela é - no mínimo - irreal. Crianças em número cada vez maior estão alfabetizadas por volta dos 5-6 anos. E aos 17 anos, muitos estão na Universidade.

Voltando à faixa etária considerada, podemos afirmar que uma criança "normal" ou "média" realmente cabe nela. E que esta é a situação "normal" dentro das classes média e média alta. No entanto, nas populações de bairros periféricos o índice de repetência é bastante alto e, com isso, surge o garoto mais velho em relação aos colegas de outras classes sociais, ou então, a criança "atrasada" em relação às outras de mesma idade. Ora, com o correr dos anos, esta criança ultrapassará a faixa atendida pela Rede de Bibliotecas, mas continuará necessitando daqueles livros de 1º e 2º graus. Caso seja impedido de se matricular devido à idade, poderá recorrer à Biblioteca de adultos. Porém, ocorre que aquela Rede de Bibliotecas não adquire as mesmas obras da Rede de Bibliotecas Infantis. Por essa razão, os repetentes e aqueles que cursam o Supletivo, Mobral e outros programas semelhantes não têm lugar nem na Biblioteca de adultos nem na Biblioteca Infantil. São "marginais" dentro do sistema atual. O que é somente o reflexo de sua situação no sistema escolar. Tanto isso é real, que essa questão só foi levantada numa Biblioteca de perife-

ria. Não o foi em nenhuma Biblioteca do Centro ou de Bairros privilegiados, porque lá esses casos são raríssimos, ou mesmo inexistem.

Naturalmente, o funcionário sempre poderá abrir exceção para os casos que considere pertinentes. Mas, se lembrarmos quanto ele está imbuído pela ideologia do respeito às ordens estabelecidas como veremos nas entrevistas, podemos supor que poucos o farão. E se o fizerem, terão sempre presente de que "é uma exceção".

b) Condições de empréstimo do material:

- Quantidade de volume em cada empréstimo.

"A Circulante empresta um livro só. Esses pedidos, essas sugestões que você fala, a gente pega pelo ar. Às vezes, um livro de cada vez é ruim para o aluno, porque um livro só nem sempre tem tudo. O que acontece é que às vezes leva o livro hoje e amanhã tem que devolver esse para buscar outro. Isso acontece, sim. Pelo menos dois livros deveriam ser emprestados. Por que não são emprestados mais livros? Eu sei que é um regra aqui da Biblioteca. O prazo de empréstimo é de sete dias. Com relação a sete dias não tem problema porque a pessoa pode renovar uma, duas, três vezes. Com relação ao número de empréstimos tem, porque um livro só me parece pouco. Principalmente quando é pesquisa, faz falta. Com relação às pessoas com mais de 16 anos faz falta também. Eu realmente não sei porque somente um livro pode ser emprestado. Se é uma ordem interna, se vem do Departamento, se é para não ficar muitos livros fora. Também para não haver esse problema", (7)

Em nosso trabalho nas várias Bibliotecas da Rede, pudemos perceber que, embora haja uma orientação para o funcionamento da Sala Circulante, cada uma tem seus critérios. Isto é, as maiores disparidades ocorrem na questão do número de volumes que a crianças pode levar, de cada vez. O exemplo acima refere-se a uma Biblioteca da Zona Leste. Vamos citar agora o caso da Biblioteca de Pinheiros, que é a que melhor ilustra o fato. Ela empresta até três, quatro volumes, dependendo do tipo de livro. Para obras de ficção não muito procuradas, o limite é mais elástico ainda. Naturalmente isso não ocorre somente pela boa vontade do funcionário. Como dissemos anteriormente, esta Biblioteca é uma das que recebe doações regularmente, de livros praticamente novos. Além disso, o fato de atender uma população reduzida devido a sua localização, faz com que não tenha problemas de ficar sem livros nas prateleiras. Assim, para ela não existe, ou é muito atenuado o problema que percebemos em inúmeras Bibliotecas: limitar o número de volumes e diminuir o prazo de empréstimo para as obras muito requisitadas, a fim de atender ao maior número de crianças. Não se coloca muito, ainda, a preocupação com a eventual perda do material emprestado, porque são obras doadas que, portanto, não fazem parte do patrimônio municipal. Embora se diga que o leitor é a figura mais importante da Biblioteca, o procedimento para baixa de material é tão complicado, insiste-se tanto na gravidade das perdas, que os funcionários acabam tornando-se demasiado zelosos dos livros. Ficam com receio de emprestar, de que os livros sumam e, é claro, esse receio é mais frequente nas Bibliotecas que têm acervo menor.

- Distância do local de moradia da criança:

No momento de abrir exceções, um fator que o funcionário leva em consideração é o local de moradia da criança. Se ela mora longe ou "fora de mão" do local da Biblioteca, suas chances de obter a concessão são menores. O raciocínio é o seguinte: "Ela mora longe, num lugar difícil. De repente ela resolve não devolver o material, ou fica com preguiça de vir até aqui. Aí vai ser a maior mão-de-obra para recuperar o livro. É melhor não emprestar!"

Conhecendo o mecanismo de localização das pessoas na cidade (quanto mais carentes mais longe do Centro de dos locais de prestação de serviços públicos), podemos deduzir quais setores da população são prejudicados segundo tal raciocínio.

5 - Preconceito dos funcionários:

Existem reações, comportamentos dos funcionários, que por estarem dentro do que é "normal" "comum" e "correto", passam desapercebidos. Mas eles funcionam eficientemente na seleção das crianças que terão acesso à Biblioteca Infantil. É a aprovação àqueles comportamentos socialmente aceitos e, por outro lado, a reprovação e repressão àqueles entendidos como anti-sociais:

> *"Porque aqui tem o pessoal que mora perto, tem muito filho de zelador, tem muitos prédios. Outros, que a mãe trabalha nas boates, que aqui essa rua é toda... cheia de coisas assim (rindo). Tem essas crianças que moram com a mãe, outras que moram com a avó, bastante problema de desagregação fa-*

miliar. Crianças de uma classe mais alta não vêm. Depois já aconteceu de vir e não se dar bem com as outras crianças (...) Ah, porque as crianças daqui são um pouco mais... aqui é o Centro da Cidade, então são mais agressivas. É diferente! Uma criança mais pobre, de nível sócio-econômico mais baixo, é diferente de uma criança mais educada... É uma "barra" também para a criança. A mãe já chegou aqui e já resolveu levar a criança embora. Tem fases mais difíceis. Agora, a gente já resolveu ficar com as crianças, somente aquelas que tiverem realmente interesse de fazer alguma coisa na Sala. Porque não adianta você juntar um monte de crianças e falar: "Bom, a Biblioteca tem uma frequência alta, isso e aquilo... E a criança só está destruindo. pega um papel, faz um rabisco e joga fora. Nem curte aquele rabisco nem nada. Só por querer detruir mesmo (...) *Precisa ver que aqui ela não paga, ela ganha aquele material. Para ela é como um prêmio. Então, tem que ver quem quer trabalhar. E a gente também tem o direito de mandar embora quem está apenas destruindo as coisas. Fica quem respeitar também o trabalho do outro, e o material que ganha. Teve uma vez só que vieram umas crianças, acho que de algum sítio. E aí as outras crianças caçoavam, brincavam com elas. Depois ficou meio difícil para elas ficarem na Biblioteca. Mas no fim também deu tudo certo. Foi uma temporada que elas ficaram aqui, mas era difícil (rindo)"* (12)

Percebe-se, portanto, que há um padrão cultural aceito e valorizado, que é o da classe dominante. As crianças que se afastam desse padrão são "mal educadas", "agressivas", e - por essa razão - afastadas e muitas vezes proibidas de frequentar as Salas. Há uma série de mecanismos de repressão: proibição de frequência, expulsão da Biblioteca, para as cri-

anças de "mau comportamento". Certa ocasião participamos de uma reunião para discutir esse problema, especificamente. Algumas crianças foram nominalmente citadas e os funcionários de todas as Salas receberam ordens expressas de não aceitá-las no recinto.

6 - Estrutura organizacional:

Até o momento examinamos aspectos ligados aos funcionários e ao seu trabalho, que levam à seletividade no atendimento. Existe outro que, pelo menos em princípio, está fora de seu alcance. Diz respeito à estrutura organizacional e administrativa. Um exemplo frequente: o tratamento das Bibliotecas como uma Rede única e uniforme, como se todas fossem iguais:

> *"O problema maior do Departamento é mudar a mentalidade das pessoas que estão lá em cima, que estão dirigindo. Enquanto elas não tiverem mentalidade mais aberta, mais consciente, entendendo as necessidades de cada Biblioteca como um núcleo individual... Porque são vinte e quatro Bibliotecas e elas estão pegando as necessidades das vinte e quatro como um todo. Quando devia pegar a necessidade individual de cada uma. É muito mais importante! Outra coisa: autonomia (grifo da entrevistada). Enquanto a gente não tiver autonomia dentro da própria Biblioteca, enquanto a Chefe determinar o que ela achar mais importante, também não vai funcionar. Como é que ela lá em cima pode saber as necessidades individuais de cada Biblioteca? ... Então, não pode funcionar".* (1)

"Muita burocracia! · Não tem condição. Porque é uma Rede, então tudo tem que obedecer à Chefia. O Departamento é que distribui tudo. Lá é que tem Seção de Manutenção, tudo a gente tem que ficar pedindo(...) A solução seria cada Ramal ter uma verba X, para essas coisas. A falta de verbas é crônica!"(10)

Provavelmente pensou-se numa estrutura centralizadora, visando melhor controle das atividades a serem desenvolvidas, e na melhor utilização e aproveitamento dos parcos recursos (Anexo 6). Mas, dadas as características diferentes das Bibliotecas, essa centralização revela mais pontos negativos do que positivos.

As queixas se referem, principalmente, à aquisiçao de livros, cujas necessidades variam de bairro para bairro, e à falta de jornais, que como vimos só algumas Bibliotecas recebem. A seleção dos livros a serem comprados é feita por uma Comissão integrada por bibliotecárias, representando as quatro Zonas, uma pedagoga e a Diretora da Seção de Aquisição e Registro do Departamento.

"O maior problema, seria não sei se verba, para a gente fazer as aquisições, que a gente acha que interessa à Biblioteca. Na maioria dos livros está certo: aquisição central, fica mais fácil o processamento técnico, porque se não teríamos que destacar funcionários para fazer toda essa parte. Mas, por exemplo assinatura de jornal. Eu vejo todo mundo se queixando nessa parte: "Em vez de fazer esse serviço piloto com os jornais, devia comprar ou fazer assinatura para cada Biblioteca. "Nós faríamos os recortes: às vezes, o que solicita em A. não é o que pedem aqui (...) Nós temos arquivo de

recortes, mas que a gente está dando continuidade muito lenta. Uma funcionária lê um artigo, acha interessante... A bibliotecária vê uma revista... Nós teríamos que mandar buscar os recortes na Biblioteca X. Olhando no mapa você acha que não é longe, mas é fora de mão. Mandar um funcionário, não tem mesmo. E eu acho um absurdo uma criança ficar esperando umas quatro horas. Para ela voltar no outro dia, às vezes nesse intermédio (sic) ela já encontrou num outro lugar, e não volta à Biblioteca". (6)

"Às vezes nós temos muitos livrinhos iguais, de histórias infantis, sendo que na Sala de Pesquisa está precisando de livros importantes para estudo. Você tem três, quatro exemplares do mesmo livro na Sala Infantil, e aqui na Circulante está precisando de mais". (9)

"A gente depende de outros, esse é o problema. Se a gente depende do Departamento... Nem sempre eles têm disponibilidade para nos atender de imediato, às vezes cai no esquecimento. Acho que tudo foi colocado. Provavelmente estão enfrentando algum problema e a colaboração não está vindo".(7)

A falta de autonomia para decidir coisas, às vezes mínimas, está muito ligada à falta de recursos próprios para cada Biblioteca da Rede. Essa carência de tudo acaba funcionando como uma forma de censura. Uma Biblioteca deve possibilitar o acesso a toda a cultura e não pode, por princípio , sofrer esse tipo de limitação.

4 - A BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL: UM ADENDO DA ESCOLA

No início, as Bibliotecas Infantis de São Paulo tinham por objetivo oferecer às crianças que gostassem e precisassem de ler, o meio e o ambiente adequados. Tinham áreas para leitura e estudo e salas para atividades culturais e recreativas [1]. Elas tinham, primordialmente, a "preocupação de formar o hábito de leitura entre as crianças e adolescentes e desenvolver-lhes o gosto pela arte". Tanto era assim, que quando inaugurada, a Biblioteca "Monteiro Lobato" contava com Sala de Leitura, Sala de Revistas, com Salão de Festas e Sala de Jogos, jornalzinho dirigido pelas próprias crianças e Hora do Conto [2]. Essa preocupação ainda se manteve na inauguração do novo prédio, em 24/12/50. Foram criadas Seção de Artes, Discoteca e Teatro de Fantoches [3].

As grandes mudanças operadas nos meios educacionais por volta do final da década de 50 e início dos anos 60 decorrentes da divulgação de métodos de ensino da Escola Nova, preconizavam a participação ativa do aluno. No Brasil isto levou ao surgimento de uma nova atividade no setor educacional -: a

---

1. Nysia M.D.M. CARDOSO, As bibliotecas infantis da Prefeitura Muncipal de São Paulo, p.1.
2. Laura G.M. RUSSO & Zilah M. RICCI, op.cit., p.2-3.
3. Ibid., p.5-6.

pesquisa, individual ou em grupo que como vimos no início do capítulo 2, foi instituída através de decreto. Por essa época, os professores indicavam aos estudantes, ginasianos e colegiais, a Biblioteca Pública Municipal (Biblioteca Mário de Andrade), porque seu acervo se prestava mais ao tipo de consulta requerida. Esta procurava atendê-los na medida do possível, mas dadas as suas características de funcionamento, seu uso revelava-se inconveniente e os resultados eram insatisfatórios. Entre os fatores prejudiciais citavam-se:

1) Arranjo sistemático: esse é um arranjo que requer certa prática de uso de biblioteca. O uso obrigatório dos catálogos para localização do livro desejado, que exige o perfeito domínio de ordem alfabética, e o acúmulo junto aos fichários decorrente da obrigatoriedade dessa consulta, constituíam uma séria barreira ao uso da biblioteca de adultos pelas crianças e jovens;

2) Acervo fechado: para aqueles que não sabem definir e delimitar a área ou assunto a ser estudado, a impossibilidade de ver o texto constitui um grande obstáculo. Era o caso de nossas crianças e jovens;

3) O número de funcionários e os recursos existentes não permitiam a atenção devida aos jovens consulentes;

4) Os frequentadores usuais até então, isto é, os adultos, sentiam-se perturbados pela juventude e irrequietabilidade dos novos frequentadores;

5) As próprias crianças que já estavam habituadas a frequentar a Biblioteca Infantil relutavam em abandoná-la, dadas suas características mais adequadas a elas [4].

Foi a partir daí que a Biblioteca Infantil passou a ser entendida também como fonte de informação. Mas o que estava ocorrendo era a "folclorização" da pesquisa e não a busca de informação. As Bibliotecas já possuíam uma pequena Seção de Referência, que teve que ser ampliada. Essa nova demanda que se colocou para as Bibliotecas trouxe como consequência a necessidade de maior espaço, acervo, pessoal e verbas. As Salas de Pesquisa passaram a ocupar a maior área dentro de cada prédio. O acervo de uma biblioteca de pesquisa precisa ser constantemente renovado, conservado e atualizado. Para a área de estudos geográficos e históricos tornou-se necessária a criação de mapotecas. Esse tipo de atendimento absorve um grande número de funcionários tanto para o contato com o público quanto para o processamento técnico do livro, já que se requer uma catalogação mais detalhada, classificação mais minuciosa etc. [5].

Tendo em vista a falta de funcionários e recursos de que sempre padeceram nossas Bibliotecas Públicas, podemos avaliar o que essa sobrecarga representou em termos de atendimento geral. Embora no seu discurso as Bibliotecas Infantis coloquem tanto as funções educativas como as recreativas e cul-

---

4. Nysia M.D.M. CARDOSO, op. cit., p.5-6.

5. Ibid., p.6.

turais como igualmente . importantes, na prática as últimas têm sido relegadas a segundo plano. Para isso concorre a atitude dos pais que aceitam o ônus que a ida da criança à Biblioteca representa, quando se trata da realização de um trabalho escolar, mas que - em se tratando de atividades culturais e recreativas - relutam, já que seus resultados não são tão visíveis e passíveis de medição.

Uma vez colocada a evolução das funções desempenhadas pelas Bibliotecas Infantis de São Paulo, e o que está por trás dessas transformações, vamos verificar quais os tipos de relação que se estabelecem entre a Biblioteca e a Escola.

O exercício profissional em várias Bibliotecas Infanto-Juvenis nos permitiu perceber que há três pontos de análise, através dos quais a relação entre Escola de Biblioteca aparece bem clara:

1 - Veiculação da ideologia dominante;

2 - Oposição Sala de Artes X Sala de Pesquisa;

3 - Pesquisa = Cópia.

4.1 - Veiculação da ideologia dominante

Como vimos anteriormente, nas formações capitalistas avançadas, o AIE colocado em posição dominante é o AIE escolar. Considerando que as Bibliotecas Públicas em questão, ou seja da cidade de São Paulo, encontram-se em locais já altamente urbanizados ou em processo de acelerada urbanização, e que o referido AIE desempenha função central na inculcação da ideologia dominante nessas áreas, é a partir dele que anali-

saremos o papel da Biblioteca Pública. Os AIE veiculam a ideologia dominante através de valores tais como ordem e disciplina, respeito à hierarquia etc., a fim de garantir o consenso dos dominados. A Escola como AIE também veicula esses valores.

Referindo-se ao AIE Escolar, Althusser afirma: Além dos "saberes práticos", a Escola ensina também as regras dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. As crianças devem ser disciplinadas para executarem bem o papel que lhes caberá no mundo da produção (seja para obedecerem ao superior hierárquico, seja para mandarem nos subalternos). Isto vale também para a Biblioteca. Os funcionários das Bibliotecas Públicas demonstram estar penetrados pela ideologia da ordem, da disciplina e do respeito à propriedade alheia, quando dizem:

> *"... Não é assim que se comporta! Elas fazem bagunça mesmo, isso é natural numa criança, mas se ela estiver só a fim de destruir a gente chama a atenção, manda embora. Quer dizer, ela sai e fica assim como se fosse praticamente um castigo, ela não podendo vir aqui um tempo. Mas depois, vem, porque ela sente falta. Ela gosta, pede para vir. Depois elas vão aprendendo a usar o material e tudo".* (12)

> *"As primeiras vezes elas são muito barulhentas, elas querem mexer nas estantes. Não é mexer, é bagunçar mesmo. Pegam livros de um lugar e querem colocar noutro. Elas não são treinadas para vir à Biblioteca".* (6)

Percebe-se uma certa complacência quando são crianças menores. Entende-se que ainda não tiveram tempo de assimiliar os padrões de "bom comportamento":

> *"Isso é certo: quem vai trabalhar com criança tem que ter jeito, tem que ter paciência. Criança não tem hora para nada! Um dia pode estar muito tranquila, no outro dia pode não estar bem tranquila. Por isso acho que precisa saber levar. A Biblioteca trabalha com criança mesmo".* (11)

Aqui se coloca que o comportamento esperado (e correto) é o "tranquilo". A paciência a ter com a criança é por um período limitado. Depois de uma certa idade, ou de algumas idas à Biblioteca, espera-se que a criança já tenha assimilado os hábitos adequados:

> *"Eu perco a paciência quando percebo que eles não estão estudando, eles não estão fazendo pesquisa. Estão fazendo da Sala de Pesquisa uma sala de conversa. Aí a gente precisa dar uma "brecada". Você tem que dizer: "Fulana, acaba logo porque o fulano da mesa ao lado também está querendo o mesmo assunto". Eles adoram se encontrar com os amigos aqui e fazer daqui uma salinha de visitas. Não está certo isso. Tira a gente de sério!"* (1)

Os espaços são bastante delimitados: Sala de Pesquisa não é sala de conversa. Podemos traduzir essa limitação, no mundo da produção, por algo como: "Quando estiver trabalhando, não brinque". Às vezes, a criança se descontrai, mas isto não é bem aceito pelo funcionário:

"As crianças ficam à vontade. Muito à vontade! Até demais. A gente precisa até, de vez em quando, refrear um pouco, porque eles se acham em casa. Mesmo aquelas que vêm pela primeira vez... Eles vêm tão desinibidos, com roupinhas de casa, ninguém se arruma para vir. Vêm de shorts, chinelinha, às vezes descalços, às vezes até sem camisa. Não tem a mínima inibição, isso aqui é deles". (5)

O discurso sugere que, na realidade, a Biblioteca não é deles, não é a casa deles para ficarem tão à vontade. Deveria ser um local aonde as pessoas vão arrumadas. Trata-se de um bairro de classe média-baixa, tradicionalmente proletário. O ir de shorts, chinelinha, e às vezes descalços, pode não significar sempre um "estar à vontade", mas refletir as condições reais das crianças. Ainda nesse mesmo depoimento temos:

"... Já chegam falando. E a gente, eu pelo menos corrijo: "Boa tarde, tia! A Senhora podia fazer o favor de me dar... "Porque eles chegam assim: Guilherme de Almeida". Ou então: "Dia da Árvore!" Eu falo: "Boa tarde, tia!... "Brincando, rindo, mas da outra vez eles chegam e já dizem: "Boa tarde , tia! ... (risos) Porque a gente tem que educar também. Não é só, eu acho, dar cultura". (5) (grifo nosso)

As "boas maneiras" surgem como preocupação também nas Bibliotecas Infantis [6]. São comportamentos corretos e, por essa razão a funcionária "corrige" as crianças. A respeito da função de tais comportamentos, Bordieu afirma o seguinte:

---

6. Laura G.M. RUSSO & Zilah M. RICCI, op.cit., p.13.

"Prendendo-se à relação com a cultura de modo a transmitir a ilusão de exprimir as qualidades intrínsecas da pessoa, ordenados como um sistema de maneiras indefiníveis, e privilegiando de entre todos os tipos de relação com a cultura aqueles que menos evocam a aprendizagem, o sistema de ensino adianta-se de alguma forma às expectativas das classes ociosas ou abastadas que, pela exaltação da abundância, da facilidade, do natural e da desenvoltura, estabelecem uma relação intransponível entre os detentores do monopólio das boas maneiras. Estas últimas só podem ser adquiridas através de aprendizagens imperceptíveis e inconscientes de uma primeira educação ao mesmo tempo difusa e total (...) [7]" (grifo nosso).

Considerando-se que a criança das classe populares não têm acesso a esse tipo de aprendizagem em sua primeira educação (educação familiar, por exemplo), a prática da Biblioteca tem dupla função: a função de distinguí-la [8] das crianças "educadas", o que significa operar a separação por classe social e, simultaneamente, afirmar o valor da cultura transmitida(cultura dominante) [9].

O comportamento "à vontade" é entendido como invasão de um espaço, que na realidade não pertence à criança. Ela tem, efetivamente, uma certa liberdade. Porém, os limites dessa liberdade cabe ao funcionário estabelecer, e não à criança:

---

7. Pierre BOURDIEU, A economia das trocas simbólicas, Apêndie II, p.259.
8. Ibid., p.220-21.
9. Ibid., p.218

"... Às vezes acontece de vir um grupo muito grande, não há livros para todos e dois ou três que fazem pesquisa no mesmo livro ficam meio tumultuados. Isso me incomoda e eu fico brava. Tiro, separo a mesa ou mando que voltem outra hora, senão atrapalha todos os outros. Eu não posso deixar ficar confusão. Não deixo que façam confusão, não". (5)

"Tem hora que você vê aquela barulhada, aquela bagunça, você tem que pôr um pouco de disciplina. Mas dizer que acho ruim, não ". (6)

"Na Biblioteca pode ficar à vontade, só que bagunça, não". (11)

Em geral os pedidos de "silêncio!", de um melhor comportamento são atendidos:

"Só três ou quatro são "daqueles", de virar a mesa. O resto não, eles me obedecem tanto..." (4)

"Não precisa nem falar duas vezes. Eles têm se comportado sem problemas". (11)

Para obter melhores resultados alguns fazem uso das "relações humanas":

"É só pedir determinanda ajuda que elas atendem. Eu pelo menos - particularmente - não tenho problema com as crianças, me relaciono bem com elas". (9)

"Sem trazer num clima austero, porque eu também brinco com eles. Pode ser o problema também que acumula no máximo dez crianças. Porque elas entram e saem. Na Circulante elas vêm só para buscar um livro. Quanto

mais gente, o atendimento é mais rápido também". (11)

Parece que é uma política que dá bons resultados:

"No fim saem agradecidas, vêm beijar a gente: "Obrigado, tia!" Depois vem contar que nota tirou" (9)

"A gente brinca também (rindo). Numa boa a gente consegue tudo da criança". (11)

Para os mais rebeldes há sanções, que variam da simples reprimenda até a expulsão da Sala ou, em casos mais graves, da Biblioteca.

"A criança sai e fica como se fosse praticamente um castigo, não podendo vir aqui, por algum tempo. Depois vem, porque sente falta. ... Depois elas vão aprendendo a usar o material". (12)

O trabalho da Biblioteca é mesmo de inculcar normas nas crianças, e isso se consegue com o tempo:

"... Depois elas vão se adaptando. Se elas se acostumam na Biblioteca, já vêm onde estão os livros procuram, encontram..." . (6)

O funcionário, nos casos de indisciplina, acha-se investido de autoridade, que lhe é delegada pela própria instituição, para punir as crianças rebeldes:

"A gente também tem o direito de mandar embora quem está apenas destruindo as coisas". (12)

O tratamento usado pelas crianças em relação aos funcionários ("titio e titia", ou simplesmente "tio" e "tia"), sugere o mesmo tipo de relacionamento que as crianças têm com os professores. A Escola é citada frequentemente:

> *"Muitas vezes a gente traz a classe, explica como é o fichário, como são as estantes, o clima de biblioteca, que é diferente de uma escola. Porque o pessoal que fica aí estudando, fazendo uma pesquisa não pode ficar com muito barulho. Eles não deveriam estar muito à vontade, como eles estariam na escola".* (6)
> (grifo nosso)

> *"Antes de eu ser bibliotecária eu era professora. Estou habituada. Eu gosto de trabalhar com criança, com jovem de maneira geral. Eu acho saudável. Acho bom quando tem criança na Biblioteca, parece até que a hora passa mais rápido".* (6)

É interessante a colocação de que na escola a criança tem mais liberdade, quando se sabe que a questão disciplinar recebe por parte de professoras e diretores medidas repressivas: expulsão de sala de aula, da escola, jubilamento, etc.

A Biblioteca Infantil adota como padrão de comportamento o padrão da classe dominante e o veicula como o único aceitável socialmente:

> *"Vou atendendo por ordem de chegada. Tem pesquisas mais fáceis, mais difíceis. Depois vou atendendo o pessoal que tem pesquisas mais difíceis. Porque geralmente quando as pesquisas são muito difíceis, a gente precisa fazer um atendimento junto com eles, para localizar o material".* (8)

"Eu só explico que gostaria que falasse cada grupo por sua vez. Todos serão atendidos a tempo e a contento". (9)

Ensina-se a virtude da paciência: "seja paciente pois sua hora chegará". A Biblioteca, a exemplo da Escola e de outras instituições ensina "saberes práticos", em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da "prática" desta. Como já dissemos referindo-nos a Althusser, os "agentes da produção" devem estar de uma maneira ou outra "penetrados" desta ideologia para bem desempenharem a sua tarefa. Nesse sentido, podemos dizer que os funcionários das Bibliotecas Infantis exercem ou procuram exercer suas tarefas "conscienciosamente":

"Isso aí a gente também já disciplinou. Por exemplo: cada um na sua vez, que é impossível atender dois ao mesmo tempo. Que para ser bem atendido tem que ser um de cada vez". (11)

"Acho bom quando vem criança à Biblioteca. Quanto mais melhor para nós que estamos aqui". (6)

"... Incomoda porque, a partir do momento que a criança está esperando para ser atendida e você não está tendo oportunidade de atender rapidamente, a gente fica realmente chateada, nervosa, tensa". (8)

Finalizando, vamos reproduzir um trecho que demonstra quanto o trabalho da Biblioteca Infantil está ligado à inculcação de uma ideologia, fato que passa desapercebido se nos deixamos envolver na sua rotina ou no seu discurso:

"*Quem chegou primeiro vai ser atendido primeiro. Não adianta estar com pressa, todo mundo tem sua vez. Se ela está com pressa, a outra também pode estar. Que tem disciplina em qualquer lugar que ela for frequentar*". (11) (grifo nosso)

4.2 - Oposição Sala de Artes X Sala de Pesquisa

A atuação em várias bibliotecas da Rede Municipal nos tornou claro, após algum tempo, que a Biblioteca Infantil funciona ou age em duas esferas distintas. Tais esferas, conforme a prática tem demonstrado, se opõem: trabalho e lazer.

Na esfera do trabalho fica a Sala de Pesquisa. E na esfera do lazer, as Salas de Jogos, Arte e Leitura Infantil. A Sala Circulante, podemos dizer que oscila entre uma e outra, conforme o uso que a criança faz dela: se o empréstimo de livros para realização de trabalho escolar ou para leitura recreativa. Neste caso uma mesma criança, num determinando dia pode tomar emprestado livros didáticos ou para-didáticos e livros de literatura para se distrair.

A observação da prática e o discurso de bibliotecários/funcionários demonstra que a oposição se dá, basicamente, entre as Salas de Artes e de Pesquisa. Podemos indagar (como nos ocorreu) porque não entre as outras atividades da esfera do lazer. Ainda através dos mesmos instrumentos, acreditamos que a resposta é a seguinte: os jogos e a leitura são atividades mais "independentes", no sentido de que basta a criança "estar lá". Assim, ela mesma pega os jogos, arruma

parceiros ou joga sozinha, e ela mesma pega o livro e o lê. Para atividades como modelagem em argila, dobraduras, pintura, é necessária a presença do funcionário que vai dar o material (em geral muito bem guardado) e que vai ensinar como trabalhá-lo. Vale lembrar que em algumas bibliotecas todas as atividades de lazer estão reunidas numa única Sala, sob responsabilidade de uma única pessoa. Nestes casos, quando não há funcionário, a criança não tem acesso a nenhuma forma de lazer.

A Sala de Pesquisa tampouco pode prescindir dos funcionários: as crianças não podem obter os livros sozinhas porque os livros estão organizados nas estantes por assunto. Há ainda uma razão mais forte para a presença do funcionário na Sala de Pesquisa: muitas vezes as crianças nem sabem ao certo o que procuram. Se ambas as Salas não podem prescindir do funcionário, deveríamos encontrar bibliotecas em que a Sala de Pesquisa funcionaria em detrimento da Sala de Artes, e o contrário também deveria ocorrer, em função das pessoas que as dirigem. Mas não é o que acontece. Em nenhum caso vimos o inverso, isto é o privilegiamento da Sala de Artes. Ora, mas uma das funções da Biblioteca Infantil não é proporcionar lazer, recreação às crianças? Qual é o valor que ela dá ao lazer? Dizem os funcionários:

> *"A princípio, quando comecei a trabalhar aqui na Sala Infantil eu não gostava muito, porque achava muito monótono. Ficar orientando as crianças na leitura, fazendo esse tipo de recreação com elas, brincadeiras... Eu achava que não era assim que eu queria. Eu ficava na Sala de Pesquisa, eu achava que me sentia mais útil*

na Sala de Pesquisa". (4) (grifo nosso)

"... *Acontece bastante da criança passar em várias Salas. Principalmente quando a Sala de Pesquisa está cheia, a gente diz: "Tem a Sala Infantil" ou, se às vezes está sem fazer alguma coisa, a gente fala: "Fica ali lendo alguma coisa". Acontece muito de a gente desviar o pessoal para a Sala Infantil, quando a Sala de Pesquisa está cheia e eles estão desocupados. Vem um grupo, mas outro está copiando. Então.... Se a gente manda, vão, vão sim".* (7)

"*Eu atribuo maior frequência às atividades paralelas da Biblioteca. Quando eu tenho muita carência de funcionários, que eu tenho que fechar Salas... Eu tive uma fase que só funcionava a Pesquisa e Circulante. Então, a frequência da Biblioteca baixou. É justamente por causa dessas atividades. Essas crianças que vêm todos os dias, é essa parte. Se não tem essa parte...*" , (10)

A prática da Biblioteca Infantil mostra que as atividades recreativas ficam em segundo plano. No primeiro caso, a Pesquisa é "mais útil" e, portanto, o lazer é "menos útil". No segundo caso, a funcionária "desvia" as crianças para a Sala Infantil, quando a Sala de Pesquisa está muito cheia. Portanto, o que determina o uso da Sala Infantil é a Sala de Pesquisa. E no terceiro caso, sabe-se que o que atrai as crianças à Biblioteca são as atividades recreativas, mas são essas as atividades sacrificadas quando há poucos funcionários.

Esse privilegiamento da pesquisa, do trabalho escolar, se deve ao acaso? Qual é a ideologia que está por trás? Establet diz o seguinte:

"A maneira pela qual o aparelho escolar reparte os indivíduos é dominada pela inculcação ideológica que ele realiza e pelas contradições que comporta um tal processo... A inculcação da ideologia burguesa deve realizar simultaneamente a inculcação explícita da ideologia burguesa em todos (de tal forma que fiquem sujeitos no seu interior as suas representações e suas práticas) e o recalcamento dos elementos e dos efeitos da ideologia proletária - em toda parte onde eles existem - sua servidão à ideologia burguesa sob um disfarce pequeno-burguês" [10].

A inculcação explícita, segundo ele, se dá em vários níveis, dos quais os mais aparentes nem sempre são os mais eficazes nem os mais importantes. No início, a ideologia é maciçamente inculcada nos alunos sob a forma de um certo número de temas ou valores, que para os burgueses são o "saber", a "verdade", a "cultura", etc. ... Mas a inculcação não se reduz a idéias. A ideologia segundo ALTHUSSER, não existe fora das práticas nas quais ela se realiza [11]. É assim que, na escola a submissão à ideologia, isto é, a submissão ao mundo burguês tal como ela aparece para os próprios burgueses se efetua pela submissão de cada momento a um conjunto de práticas que constituem o "ritual material" da ideologia burguesa. (...) As práticas escolares e seu ritual são, portanto, um aspecto do processo de punições e recompensas; por trás de sua

---

10. Roger ESTABLET, A escola, Tempo Brasileiro (35):96-7

11. Louis ALTHUSSER, op. cit., p.97-9.

aparente função educativa e técnica, assegura a função essencial, mas encoberta, de realizar na escola a ideologia burguesa e de aí sujeitar todos os indivíduos [12].

A obrigatoriedade é colocada para garantir a sujeição do indivíduo. No caso da pesquisa, ela se revela altamente efetiva:

> *"Você fala frequência à Biblioteca no sentido da pesquisa ou de maneira geral? Porque tem o seguinte: na Sala de Pesquisa vêm as crianças que são quase obrigadas a vir, para fazer trabalho. Muito raro, mas muito raro uma criança vir à Sala de Pesquisa à toa, por livre e espontânea vontade.... Um em cem crianças. Agora nos outros setores vêm, mas há muitas limitações para uma criança chegar aqui. Por exemplo o preço da condução, o perigo de atravessar ruas..."* (5)

É claro que não é somente a obrigatoriedade que garante a realização da tarefa escolar, mas as sanções decorrentes do não-cumprimento: a não-atribuição de nota, ou uma nota mais baixa, que podem levar à uma reprovação da criança. É verdade que a Biblioteca Infantil não tem como punir uma criança que não faz a sua pesquisa. Afinal, o trabalho deve ser apresentado ao professor. Mas ela induz, procura dirigir a criança para atividades - no seu entender - importantes. É importante que a criança faça a pesquisa e garanta, assim sua aprovação no final do ano. Se há valorização da Sala de Pesquisa em relação a todas as outras, há ainda uma valorização da Sala de Leitura, enquano obrigação, em relação à Sala de Jogos e à Sala e Artes:

---

12. Roger ESTABLET, op.cit., p.97-9.

> *"Eles procuram a Sala de Recreação, que é a Sala de Jogos e a Sala de Artes. Mas quando eles vão nessa Sala, eu peço para o moço da Sala primeiro mandá-los para a Sala de Leitura. Porque aí eles vão se habituando à leitura. Porque eles gostam muito de jogar, mas muitos deles não gostam de ler. Então, se eu deixo eles livres, vão direto para a Sala de Jogos e não querem vir aqui na Sala de Leitura".* (4)

Um dos "saberes práticos" que a Escola tem por obrigação ensinar às crianças é o domínio da língua. A Biblioteca Infantil entende que se o trabalho de alfabetizar a criança pertence à Escola, ela deve contribuir para o desenvolvimento do "hábito de ler".

> *"Ah, eu vou à Biblioteca ler!" Realmente eu não acho que é a motivação maior que leva as crianças à Biblioteca. Talvez porque as crianças não trazem de casa esse hábito de leitura. A gente tem que falar muito para eles. "Olha, gente vamor ler! Vamos sentar lá, pegar um livrinho e ler". Eles se interessam, mas logo perdem o interesse. É a falta de hábito de leitura da própria família... A gente nota muito nas crianças que têm um nível sócio-econômico mais alto: Eles vêm nas férias, ficam sentados lendo, ficam horas lendo... Acho também que é uma obrigação nossa levar, motivar essa criançada a ler".* (8) (grifo nosso)

Agora a obrigação é da Biblioteca Infantil, de incutir na criança o hábito de leitura. É por essa razão que as funcionárias insistem em que as crianças leiam:

"... *São juntas, a Leitura Infantil e Artes. Aí a Sala de Artes é como se fosse um prêmio. A criança passa na Sala de Leitura Infantil, lê alguma coisa e depois vai para a Sala de Artes. Não, pode também ir direto para a Sala de Artes. Mas, normalmente (grifo dela) a sequência é essa (risos). Eles aceitam bem isso... Gostam, a maioria gosta de ler. Alguns são dispersivos, mas isso é natural na idade deles*". (9)

É importante observar que quando a leitura aparece, está ligada a um nível sócio-econômico mais alto: aqui, porque a Biblioteca está localizada num bairro classe média, e lá, pelo depoimento da própria funcionária. Neste ponto, vamos discurtir um pouco mais o papel do hábito de leitura. Está é uma das questões mais discutidas no âmbito das Bibliotecas Infantis. Existem mesmo aqueles que acreditam ser a formação do hábito de leitura, a função mais importante a ser desempenhada por essas Bibliotecas. Concordamos tratar-se de uma questão central pelo seguinte: Se por um lado a classe dominante utiliza-se da palavra para garantir a inculcação da ideologia que lhe intressa, é essa mesma palavra que permite a formação da consciência de classe, a leitura do mundo real pelas classes populares. E como será a formação dessa consciência? É através da leitura crítica. Nesse sentido, as Bibliotecas Infantis garantem, principalmente, a função da reprodução.

A Biblioteca Infantil, na sua prática, opta pelo trabalho (pesquisa) em detrimento do lazer. Ela justifica tal opção pela falta de funcionários, sobrecarga na Sala de Pesquisa, etc.:

"As vezes, quando a Sala de Pesquisa enche muito e a funcionária está sozinha para atender, inclusive à tarde que lota mais, eu fico ajudando-a na Pesquisa. E aí eu nem abro a Sala de Artes, Jogos e Leitura". (2)

"Tem mais frequência na Sala de Pesquisa. Tanto que é a única que abre aos sábados. É a mais importante, tem mais frequência. Depois, seria a Sala de Artes e Jogos. Depois seria a Sala Circulante. E por último a Sala de Leitura Infantil". (5)

Os pais também colaboram para reforçar tal opção. Pois, como bem coloca ESTABLET, "no ritual escolar familiar , o boletim de notas funciona como um equivalente (no sentido figurado) do salário: a boa nota e o salário são o "preço", a recompensa do trabalho realizado" [13]. A criança não trabalha, mas estuda. Para a família, portanto, o rendimento desse trabalho é muito importante.

"Às vezes a criança não vem porque tira nota baixa na prova e a mãe não deixa mesmo. A mãe diz: "Vai ficar na Biblioteca para brincar? Não, vai ter que estudar!" Eles fazem a lição deles e não vão querer estudar para a prova de amanhã". (2)

A oposição entre dever e prazer também aparece com relação à própria leitura, em princípio um hábito saudável:

---

13. Roger ESTABLET, op.cit., p.99.

"Tem alguns leitores que eu tenho impressão tiram menos livros porque a mãe pode achar que está um pouco fraco na escola, achar que leitura recreativa está prejudicando. Já vi esses casos também: "Ele vai tirar menos livros porque anda lendo, está prejudicando na escola. Não que saber de estudar mais!" dizem as mães (rindo)". (11)

As mães das classes populares, que pela distância de suas casas à Biblioteca têm que se deslocar com as crianças, reforçam a demanda pela Sala de Pesquisa:

"Às vezes mora um pouco longe, a mãe só vem quando tem uma pesquisa mesmo para fazer, que ela não encontra em casa. Então, ela vem. Mas eu acho que a motivação maior é pela Sala de Artes mesmo". (8)

Podemos avaliar a responsabilidade da Biblioteca Infantil por esse privilegiamento à pesquisa (que não é uma opção, no sentido de que não há escolha), se pensamos no valor que o lazer assume na nossa sociedade. Se, como afirma BOURDIEU, a Escola busca cada vez mais valorizar aquilo que não está diretamente ligada à aprendizagem, mas sim o que está diretamente ligado às classe superiores (por ex., frequência ao cinema, conhecimento de música erudita, jazz, que para nós é sinônimo de lazer), e "que lhes permite manter com a cultura (entendida de modo mais "livre" e menos "escolar") uma relação de diletantismo esclarecido e de familiaridade eclética, que pode estender-se ou aplicar-se a esferas ainda não reconhecidas e consagradas pela escola" [14], as crianças das

---

14. Pierre BOURDIEU, op.cit., p.244.

classes populares já são desprivilegiadas nesse aspecto. Sendo elas as que menos opções de lazer têm, pela própria condição econômica, um dos poucos lugares que lhe resta é a Biblioteca Infantil. No entanto, nas poucas vezes que ela vai, é para a realização do trabalho escolar, porque a própria Biblioteca não lhe dá opção. E isto ocorre, porque estão "destinados a uma escola contra a qual nada podem opor, pois tudo lhe devem e dela esperam tudo..." [15].

A prática da Biblioteca Infantil, no entanto, não ocorre de maneira pacífica, sem contradições. Os funcionários têm consciência de que há uma demanda que deveria ser atendida, mas que a carência de pessoal, e mesmo sua rotatividade, impedem a solução do problema:

> *"Eu tive fase em que só funcionava a Pesquisa e a Circulante. Então, a frequência da Biblioteca baixou. Não, não é a pesquisa que dá maior frequência... Eles podem vir fazer pesquisa. Mas eles vêm, fazem a pesquisa e vão embora. Não se demoram na Biblioteca, não movimentam. A Biblioteca inclusive fica meio morta. Eu atribuo a isso. Hoje mesmo, teve início a Primavera, nós plantamos mudas no jardim. Precisa ver o tanto de criança, o prazer que tiveram de elas colocarem a terra, plantarem e depois molharem as mudas. São essas coisas, eu acho, que alimentam (sic) as crianças na Biblioteca. Através disso, a gente consegue desenvolver o hábito de leitura..."* (10)

---

15. Pierre BOURDIEU, op. cit., p.265.

Coloca-se, então uma diferença que reforça a oposição trabalho X lazer. A criança que vai fazer pesquisa somente não permanece na Biblioteca. "Cumpre a obrigação" e vai embora. As outras ficam porque a atividade é prazeirosa. Esta é uma Biblioteca que fica em bairro eminentemente proletário. Como ela, uma funcionária de periferia de São Paulo, afirma que as crianças procuram muito as atividades recreativas:

> *"A Sala que mais deixou de funcionar, praticamente estava de lado, era a Sala de Artes. A criançada realmente gosta. A Biblioteca abre às 10h mas o atendimento é só na Sala de Pesquisa. Porque a maioria dos funcionários chega 11h e 30 - 12h. Meio-dia é que começam as atividades das outras Salas: Circulante, Infantil, a Sala de Artes... Nós temos agora uma funcionária trabalhando com a Sala de Artes. Esta Sala estava sendo pedida, solicitada demais pelas crianças, que eles gostam bastante. Mas o número de funcionários aqui é pequeno. Mas sempre abria a Sala de Artes. Chegava a passar um mês sem abrir. Eles sentem falta, eles gostam demais dessa Sala".* (7)

4.3 - Pesquisa = Cópia

Uma das maiores e mais frequentes críticas que se faz à criança que frequenta a Sala de Pesquisas, é de que suas "pesquisas" não passam de cópias. Que ela só quer terminar o trabalho e não está preocupada com aquilo que faz. Ao mesmo tempo, procura-se justificar tal comportamento: o professor

não explica direito sobre o que deve ser a pesquisa (assunto, aspecto específico, etc.), a criança não tem "capacidade", tem preguiça de fazer o trabalho. É um problema geral, como podemos concluir através dos seguintes depoimentos:

> *"Eles não têm capacidade de fazer uma pesquisa sozinhos. A gente precisa quase que fazer a pesquisa total. Muito difícil a criança falar o que quer e a gente dizer "procura em tal obra". Sabe muito menos procurar no catálogo, porque não conhece ordem alfabética. Mesmo os maiores não conhecem. Tenho tido alunos do colegial aqui que não conhecem algarismos romanos, hindu (sic) e mesmo se os índices remetem ao algarismos romanos eles não sabem achar. Meninos de Colegial! São meninos maiores... Ah, a causa disso é o ensino muito fraco. Muito fraco, cada vez mais fraco!"* (5)

> *"... Então você tem que ir tirando com saca-rolha. Você tem que chegar ao âmago da questão, para poder atender perfeitamente uma criança. Fazem perguntas muito vagas, em vez de ir diretamente ao assunto de que precisam. Você precisa ficar perguntando: "Professor de que matéria pediu isso? O professor indicou algum livro? Até onde o assunto deve abranger?" Tudo isso! Raramente vão ao catálogo. Mas nós temos tentado induzir que eles manuseiem o catálogo. Inclusive nós chamamos escolas aqui, e mostramos o uso do catálogo".* (9)

> *"Eu acho que é péssimo, porque acaba sendo uma cópia. Esse trabalho que deveria ser de pesquisa, acaba sendo um trabalho de cópia. Mesmo que você dê várias fontes para elas descobrirem o assunto. O certo seria eles lerem determinadas fontes e tirarem uma conclusão. Elas não fazem isso. Ou porque elas têm preguiça de fazer, ou porque não foram ensinadas como se*

faz uma pesquisa. Eu acho que não tem muita função o fato de professora dar o assunto, elas virem aqui e copiarem de uma enciclopédia, simplesmente. A finalidade mais importante é a pesquisa. Elas vêm com um assunto determinado, que eles não encontram no Colégio, na casa, em nenhum lugar e a gente dá o assunto para eles, que acaba sendo uma cópia". (1) (grifo nosso)

Não é tão difícil entender o que provoca esse comportamento tão a-crítico da criança, se analisamos qual é o papel do trabalho escolar, da "pesquisa" numa escola capitalista. ALTHUSSER afirma, como já vimos, que a "submissão à ideologia burguesa... se efetua pela submissão de cada momento a um conjunto de práticas que constituem o "ritual material" da ideologia burguesa. E ESTABLET, na sua análise da escola capitalista francesa retoma essa idéia e diz que os exercícios escolares são apresentados como um trabalho que é nomeado, e por isso mesmo imposto como um dever. "Este trabalho não vale em si, nem para aquele que o realize: o essencial é receber uma boa nota..." [16] (grifo nosso)

Assim é que não importa o "conteúdo", o trabalho não significa nada para a criança, e nem para o professor. Em troca de uma folha escrita a criança recebe a nota. Isso é que é realmente importante, e explica também a prioridade da pesquisa sobre as atividades recreativas. A "pesquisa" dá em troca alguma coisa visível, palpável, enquanto que qual é o

---

16. Roger ESTABLET, op.cit., p.98-9.

"produto" do lazer da criança? Já que não importa "o que " levar ao professor, mas sim levar algo, por que não levar aquilo que custa menos (em tempo, esforço)? Por essa razão é que:

> *"... você precisa mostrar onde está a enciclopédia, mostrar a ordem alfabética da enciclopédia, nos mínimos detalhes. O que não aconteceria se a Escola desse uma preparação muito maior. É raro alguma criança que saiba consultar. Então, você tem que dar um auxílio muito maior do que se eles já tivessem um pouquinho de conhecimento. O auxílio não se limita a dizer onde está o grande assunto. Às vezes você tem que abrir a página porque eles não sabem uma ordem alfabética na enciclopédia. Um abre a página, o outro copia, outro copia um trecho. Não adianta nada o trabalho em grupo porque acaba sendo uma cópia".* (1)

A observação mostra que, mesmo individualmente, a pesquisa consiste basicamente numa cópia. As explicações para esse comportamento seguem o mesmo tom:

> *"Mesmo que você dê o livro aberto eles apontam com o dedo; "É daqui até aqui?" Eu muitas vezes digo: "Leia! Você lendo saberá onde acaba o assunto." Em geral eu não falo onde é, mas eles insistem. Não sei se é preguiça, ou se é insegurança. Realmente não sei. Mas eles querem que a gente aponte com o dedo dentro da página, onde é, de onde até onde", (risos)*
> (5) (grifo nosso)

"Na Sala de Pesquisa nós percebemos que a criança vem sem nenhuma orientação. O professor põe no quadro "Pesquisa sobre Renascimento"... Se eu der uma outra coisa, daí ele copia. Suponha: se tivesse que selecionar o material que vai servir para ela ou não, ela não saberia. Vem muito mal informada do que ela precisa pesquisar. A Escola orienta muito pouco. Nós vamos pesquisar uma coisa, tenho que saber "o que" vou pesquisar. Eles vêm simplesmente com uma espécie de título, só na cabeça ". (rindo) (11) (grifo nosso)

"Eu sei que criança de Grupo tem mais é que explicar, mesmo porque são ainda inexperientes. Mas meninos de Ginásio, eu acho que eles deveriam ter maior interesse". (3) (grifo nosso)

A crença de que a pesquisa ou o trabalho escolar tem como função principal não ensinar algo, mas permitir que a criança obtenha a nota, aparece claramente num dos depoimentos:

"A maior parte é para pesquisa. Porque, acho, os pais querem mais é que passe de ano. Atualmente os professores diminuíram as pesquisas. Porque estava demais o negócio de pesquisa. O professor dava aula só em função de pesquisas. Este ano, além de cortarem as pesquisas, o Colégio que frequentava mais a Biblioteca está fazendo a sua Biblioteca. Não tem vindo criança quase criança". (2) (grifo nosso)

Como observa MILANESI, "não pode existir pesquisa sem que haja dúvida, pelo menos um traço dela (...) O aluno tem poucas oportunidades de chegar à situação-base do pesquisa-

dor: saber o que não sabe. A escola que o brasileiro cursa (quando o faz) é discurso de certezas, Ela está plena de!!! e por isso estão em falta as???" [17].

Embora a Reforma do Ensino de 1971 pretendesse mudar a Escola, na realidade houve pouquíssima alteração. A prática da pesquisa não alterou a situação do ensino, porque não se pode mudar toda uma história do ensino de um país através de um decreto, sem condições materiais para tal. Não havia bibliotecas que pudessem servir de apoio a essas pesquisas. E o que é mais grave: os professores encarregados de dimensionar a pesquisa como prática elementar do processo educativo, de modo geral não conseguiam concretizar o objetivo, pelo simples fato de que eles mesmos nunca fizeram pesquisas [18]. Se existe alguma diferença entre a situação anterior e a atual , ela reside em que agora o aluno não copia as aulas ditadas pelo professor, mas copia diretamente de enciclopédias e livros.

Diz o texto da Lei 5692/71, no seu artigo 1º, que trata dos objetivos gerais da Reforma: "O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania" [19].

---

17. Luís MILANESI, op.cit., p.46-7.

18. Ibid., p.43-4

19. Jorge NAGLE, op. cit., p.44.

E a Resolução nº 8/71, § 1º: "O ensino das matérias fixadas e e das que lhe sejam acrescentadas, sem prejuízo de sua destinação própria, deve sempre convergir para o desenvolvimento, no aluno, das capacidades de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação, encaradas como objetivo geral do processo educativo" [20]. (grifo nosso)

Basta confrontarmos os discursos acima com os dos funcionários, para avaliar a distância entre o discurso e a prática. A título de ilustração, vamos reproduzir um trecho de um artigo que, no nosso entender dá a dimensão real da "pesquisa" na Biblioteca Pública brasileira:

> "(...) Estamos no salão de uma biblioteca pública municipal. Numa cidade nova, fundada há cerca de quarenta anos., capital de um Estado em acelerado crescimento. Nesse salão de leitura encontram-se umas duas dezenas de jovens, estudantes do primeiro e segundo graus. À direita, numa sala separada por um balcão, acham-se dispostos estantes de livros, vigiadas por atentos servidores. Os leitores não têm livre acesso às estantes. À esquerda, na sala de trabalho dos funcionários, o catálogo da biblioteca. Os leitores não têm acesso ao catálogo. Os estudantes, disciplinada e mecanicamente, copiam de esfrangalhadas enciclopédias as suas "pesquisas", com o indicador esquerdo percorrendo as linhas do texto enquanto a direita transcreve os passos considerados relevantes. Mãos e braços movem-se com a articulação de um pantógrafo. As mentes estão distantes. (...) Todos os que entram naquele

---

20. Jorge NAGLE, op.cit., p.47.

"templo de saber" não podem esquivar-se dessa visão. Espaço e tempo dessa imagem: agosto de 1978, Goiânia, capital Goiás" [21].

---

21. Antônio A. B. de LEMOS, op. cit., p.203-4.

5 - CONCLUSÕES

A democratização das bibliotecas colocou-se como necessidade explícita a partir da democratização do ensino. Esta, por sua vez, se impõe em decorrência de mudanças na infra-estrutura econômica do País. No seu discurso oficial as Bibliotecas Públicas brasileiras lançaram mão do Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas, o qual surgiu nos Estados Unidos algumas décadas antes, e que se assenta nos princípios do liberalismo. Fundamentando-se em tal doutrina, o Manifesto afirma que todos os indivíduos são iguais. Assim, todos serão igualmente atendidos pelas Bibliotecas Públicas, sem distinção de raça, credo, classe social, nível de instrução, etc.

No entanto, a história das Bibliotecas Públicas brasileiras demonstra que, desde a sua concepção, criação e atuação, elas estiveram ligadas aos interesses ou grupos das classes dominantes ou a seu serviço. No caso específico das Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis de São Paulo, as primeiras unidades instaladas atenderam aos interesses das camadas dominantes e médias. É verdade que o Bairro do Itaim, onde foi criada a primeira sucursal da Rede era, à época de sua inauguração, um bairro operário. Referências ao fato de jornais da época não deixam dúvidas quanto às razões que levaram à sua criação:

"O que lá (Biblioteca do Itaim) presenciamos só poderia ser obra de um milagre: essa garotada tida como perversa, rebelde, mal-asseada, inimiga das escolas, exteriorizando no

rosto a imagem da felicidade, devorava, com um interesse e amor inauditos, as páginas das obras instrutivas das muitas que há na Biblioteca!"[1].

"... providências estão sendo tomadas pelo Prefeito Paulo Lauro ordenando a imediata e mais rápida construção de amplas e modernas Bibliotecas e Parques Infantis, em todos os bairros operários da Capital..." [2].

"... Itaim é um bairro proletário. Os pais das crianças que frequentam a Biblioteca são quase todos operários, havendo menos de uma dezena que exercem profissões liberais. Esse fato demonstra o interesse das crianças pelo ambiente que a Biblioteca lhes propicia. Também as donas-de-casa ficam sem a preocupação de saber se os filhos não estarão praticando traquinagens ou adquirindo maus hábitos nas ruas. As crianças sentem-se, na Biblioteca, pefeitamente à vontade e educam-se aí na escola da camaradagem: adquirem cultura e aprendem bons costumes" [3].

"... vejamos em dona Lenyra Fracarrolli - la. Diretora das Bibliotecas Infanto-Juvenis - um símbolo de verdadeiro amor à Pátria - e muito especialmente - uma fada protetora da infância abandonada de nossa terra" [4].

A criação de Bibliotecas nos bairros populares estava , portanto, ligada à preocupação com o controle social:

---

1. A Época, São Paulo, 26/10/47.
2. Ibid.
3. A Centelha Infantil, p.24
4. A Época, op.cit.

era preciso preservar a infância e a juventude da delinquência e dos comportamentos contrários à norma social. Somente a partir de meados da década de 60 e início dos anos 70 é que elas foram instaladas em proporção mais próxima das regiões centrais, em bairros ocupados predominantemente pelas classes populares.

Mas, a simples criação de um serviço público não garante seu uso efetivo. A análise do discurso de funcionários/bibliotecários no que se refere aos fatores que propiciam o uso das Bibliotecas leva-nos às seguintes conclusões:

1) Existem fatores que discriminam o acesso à biblioteca, tais como:

a) localização da Biblioteca; a facilidade de acesso (distância e condução fácil) são fatores determinantes do uso, a exemplo do que ocorre com os serviços públicos em geral;

b) horário de funcionamento; períodos de funcionamento mais dilatados permitem maior facilidade no uso da Biblioteca.

Assim, as crianças mais frequentes às Bibliotecas são aquelas que moram próximo. Muitas delas vão a pé. No caso das crianças que estão mais distantes, e que podemos afirmar pertencerem às classe populares, elas ficam limitadas, ainda, pelo fator econômico. O preço da condução é muitas vezes proibitivo, e elas só vão em casos de extrema necessidade. Esses casos, conforme os depoimentos, estão invariavelmente ligados à realização de "pesquisas" escolares.

BIBLIOTECA
Escola de Biblioteconomia da UFMG

Embora exista uma demanda identificada pelos funcionários, por um horário de funcionamento mais dilatado, ela não pode ser atendida por falta de pessoal. Essa demanda existe por parte de crianças e, principalmente, de adolescentes sem disponibilidade de tempo durante a semana. Talvez aos sábados a Biblioteca devesse funcionar só no período da tarde. E durante a semana em horário diferente do horário comercial, de maneira que os pais que trabalham pudessem ir também.

Esses fatores, portanto, impedem que a criança ou jovem chegue até a biblioteca. Mas existem outros fatores que impedem o uso dos serviços e que atuam mesmo no interior dela. Pudemos identificar alguns deles:

a) falta de funcionários: às vezes, acontece de existir a instalação, o equipamento e material necessários, mas faltar quem possa trabalhar com a criança. É o caso das Salas de Artes, Jogos, das atividades recreativas em geral. A escassez de pessoal é maior nas bibliotecas localizadas nos bairros populares. Isso ocorre porque os funcionários provêm, em geral, das classes médias e da pequena burguesia, que se localizam nos bairros mais centrais.

Em contrapartida, as bibliotecas situadas nos bairros de maior poder aquisitivo têm mais funcionários e fornecem serviços que eles mesmos denominam de "não-oficiais". Isto é, são extras: organizam pastas com recortes de gravuras para ilustrar trabalhos, material referente a Folclore e Turismo etc.

b) falta de verbas para compra de livros, jornais e revistas: Essa carência leva a que as Bibliotecas dependam muito de doações. Como estas são feitas pela comunidade, as Bibliotecas que recebem as maiores e melhores doaçãoes são também as que estão localizadas nos bairros de maior poder aquisitivo.

c) instalações físicas: as instalações melhores estão, na maioria das vezes, nos bairros ocupados pela população que têm melhores condições de vida. As Bibliotecas com menor espaço, salas mal-distribuídas, em resumo instaladas em locais não previsto para seu uso específico, são aquelas dos bairros periféricos.

d) regras e normas das Bibliotecas: as normas que regem o uso do material, principalmente de empréstimo do material, acabam discriminando aqueles que não estão dentro da escolaridade normal: os alunos repetentes ou oriundos dos cursos Supletivo e Mobral.

O número de obras emprestadas a cada usuário é determinado em função do tamanho do acervo e do número de exemplares que a Biblioteca possui. Como as Bibliotecas que possuem maior quantidade de obras, tanto de títulos quanto de exemplares, são aquelas instaladas em bairros cuja população tem melhores condições, são as crianças das classe populares as mais prejudicadas.

e) tipo de material existente na Biblioteca: as Bibliotecas Infanto-Juvenis trabalham, basicamente, a informação

escrita e em níveis acessíveis àqueles que estão dentro da escolarização regular. Assim, qual é o serviço que elas prestam, por exemplo, aos deficientes físicos e que não têm outros meios de continuar seu aprendizado? No caso dos deficientes visuais, existe uma única Biblioteca na Rede, instalada no centro da cidade, num local de difícil acesso à essa população. Existem estudos que demonstram ser a leitura um aprendizado que necessita de treinamento continuado, sob o risco de se perder todo o trabalho já feito. No que se refere ao Mobral, descobriu-se que, após algum tempo, as pessoas esqueceram o que haviam assimilado [5].

f) preconceito dos funcionários: este foi um dado que não apareceu claramente nas entrevistas. Somente uma declarou abertamente o preconteico contra crianças mais pobres (são mais "agressivas"). No trabalho diário essa discriminação é visível: os funcionários não querem atender, não conseguem ficar na mesma sala que as crianças "sujas", que "cheiram mal", ou somente de aspecto "pouco limpo".

Para responder à segunda questão da pesquisa, tentamos determinar o tipo de relação que se estabelece entre a Biblioteca e a Escola. Analisando a prática de ambas as instituições, percebebmos que ambas atuam de forma muito semelhante no que se refere à função de inculcação da ideologia dominante.

---

5. Ana M.C. de ANDRADE & Maria H. A. MAGALHÃES, op. cit., p.52.

Dessa forma, as Bibliotecas Infanto-Juvenis também incutem nas crianças valores de respeito à ordem, disciplina etc. Assim, as Bibliotecas Públicas atuam como AIE, conceito desenvolvido por ALTHUSSER, ao qual nos referimos na parte inicial do trabalho. Por veicularem valores da ideologia dominante, elas privilegiam , de forma sistemática, o trabalho em detrimento do lazer. Mantém as Salas de Pesquisa abertas a todo custo, enquanto as atividades recreativas são as mais sacrificadas quando há falta de funcionários. Através da análise da escola capitalista ESTABLET pode perceber que, assim como a contrapartida do trabalho no mundo da produção é o salário, na escola a da atividade da criança é a nota, o boletim. O trabalho da criança é uma atividade imposta, cujo não cumprimento tem como consequência a nota baixa e, em certos casos, até a reprovação. Mas as exigências da escola se esgotam no cumprimento do dever escolar, não importando a forma como ele foi realizado, o seu conteúdo etc. A pesquisa-cópia, prática que constatamos ser generalizada entre as crianças, que frequentam nossas bibliotecas públicas, demonstra de maneira clara a finalidade real da pesquisa. E explica também, o caráter mecânico do trabalho escolar, que termina sendo uma cópia mal feita de livros e enciclopédias. Nessas relações percebemos que as referidas Bibliotecas reforçam a ação da Escola.

Porém, como afirma BRIQUET, o fato de os estudantes constituírem o grupo mais representativo de usuários da Biblioteca Pública não é, em si negativo. Isto é uma decorrência da realidade social brasileira. Diz ele que o aspecto ne-

gativo está na "maneira desorientada, mecanicista e ineficaz como os estudantes fazem uso da biblioteca e da leitura". E que isso é um reflexo dos problemas da educação brasileira [6].

Portanto, o problema não está no fato de as Bibliotecas Infanto-Juvenis cumprirem a função educativa, mas no fato de não a cumprirem bem. É preciso que elas propiciem aos estudantes as condições materiais para tal: acervo atualizado, pessoal competente para orientá-los, instalações adequadas etc. Já foi dito que as "pesquisas" são cópias mal feitas e truncadas, e tal fato se deve ao desconhecimento do processo de pesquisa pelo aluno. A Escola não dá nenhuma orientação nesse sentido e a falta de recursos humanos da própria Biblioteca só agrava o problema, visto que, ao que tudo indica as Bibliotecas Públicas terão ainda por muito tempo, como público majoritário, o estudante, acreditamos que os cursos de Biblioteconomia deveriam ter preocupação em formar o profissional capaz de atender a essa demanda. Os currículos deveriam incluir uma fundamentação pedagógica, que possibilitasse o exercício competente da função.

Por tudo o que colocamos, está claro que existe um distanciamento muito grande entre as necessidades das crianças e a prática da Biblioteca. Buscamos dados que demonstrassem como os funcionários/bibliotecários percebem esse distanciamento e porque ele existe.

É a partir do bibliotecário enquanto trabalhador intelectual que essas questões assumem uma clareza maior. Muitas

---

6. Antônio A.B. de LEMOS, op.cit., p.204.

vezes eles justificam o distanciamento entre necessidades e prática como simples decorrência de "falta de verbas". Mas é a partir do esvaziamento do seu trabalho intelectual e da ausência do poder de decisão, que esse distanciamento deve ser visto. O bibliotecário , enquanto funcionário, incorporou a idéia de que seu saber não é importante, o que faz com que cada vez reivindique e participe menos das medidas que afetam sua atuação. Sua função de simples execução leva a que, após um certo tempo, ele perca de vista o "porquê", a finalidade de seu trabalho. A partir disso, passa a atuar como se os problemas profissionais fossem apenas questões técnicas. E buscam-se novas técnicas que "resolverão" esses problemas. Na realidade, a questão é sobretudo política: é preciso definir-se a função que as bibliotecas irão desempenhar no processo histórico de desenvolvimento, a partir dessa perspectiva [7].

Parece-nos que as Bibliotecas Infanto-Juvenis, seja porque entendem como sua função, seja para "atrair" público , oferecem serviços que já são desempenhados por outras instituições como escolas e creches. É o caso das atividades da Sala de Artes, Teatro etc. Por outro lado, a Biblioteca negligencia um trabalho que é básico e fundamentalmente seu: o de trabalhar a habilidade de leitura. Em nossa opinião, essa falha já foi detectada pela Escola tão criticada pelos funcionários das Bibliotecas, e medidas têm sido tomadas para saná-la. Há questão de dois anos, a Fundação para o Livro Escolar (FLE) a nível estadual, e a Secretaria de Educação do Mu-

---

7. Antônio A. B. de LEMOS, op.cit., p.210.

nicípio estão trabalhando nesse sentido. Não há dados, ainda que possa servir para uma avaliação.

É preciso considerar que, se por um lado é através da leitura que se dá a veiculação da ideologia dominante, é importante conhecê-la, inclusive para elaborar a contra-ideologia. Portanto, o domínio da técnica de leitura, do uso da palavra, é fundamental. A Biblioteca Pública tem uma grande responsabilidade no sentido de possibilitar o acesso democrático a esse instrumento de luta.

O presente estudo permite-nos afirmar, enfim, que a propalada democratização da cultura não se concretiza através das Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis de São Paulo. Embora tenha sido realizado nessas Bibliotecas, seus resultados podem ser generalizados para todas as regiões urbanizadas ou em processo acelerado de urbanização deste País.

Em última análise, a Biblioteca Pública desempenha, a nosso ver, um papel altamente ideológico. Ela veicula a ideologia burguesa e auxilia a reprodução da força de trabalho, contribuindo para a hegemonia da classe dominante. Mas é preciso pensar essa instituição dialeticamente: o lugar onde se dá a reprodução, é também o local onde é possível se dar a transformação. Por esse motivo, o ideal de democratização das Bibliotecas Públicas continua sendo válido.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Lisboa, Ed. Presença, 1974. 104p.

- ANDRADE, Ana Maria Cardoso de & MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Objetivos e funções da biblioteca pública. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 8(1):48-59, mar. 1979.

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974. 361p.

- CARDOSO, Nysia Maria Dorsa Maurício. As Bibliotecas Infantis da Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo, 1972. 8p. mimeogr.

- CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ideologia. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. 125p.

- CUNHA, Luiz Antonio. Educação e desenvolvimento social no Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978. 293p. (Educação em questão).

- CUNHA, Murilo Bastos da. O papel do bibliotecário na sociedade brasileira. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 7(1):7-26, mar. 1978.

- CURY, Carlos Roberto Jamil. Ideologia e educação brasileira. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978. 204p.

- ESTABLET, Roger & BAUDELOT, Christian. A escola. Tempo Bras., Rio de Janeiro, (35):93-125, out./dez. 1973.

- FAUSTO, Boris. A revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme, org. Brasil em perspectiva. 4.ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973. p.227-55.

- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? R. Bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo, 11(1/2):9-16, jan./jun. 1978.

- FREITAG, Bárbara. Escola, estado e sociedade. São Paulo, EDART, 1978. 135p.

- GASPAR, Anaíza Caminha. Estudo sobre o hábito de leitura e uso da Biblioteca Estadual Benedito Leite pela Comunidade de São Luís - Maranhão - Brasil. Brasília, 1980. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Biblioteconomia da UnB)

- GIUSTA, Agnela da Silva. A política educacional do Estado Novo. Rio de Janeiro, IESAE/FGV, 1974. 16p. mimeogr.

- GOMES, Sônia de Conti. Bibliotecas e sociedade na Primeira República. São Paulo, Pioneira; Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. 102p. (Manuais de estudo)

- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. 244p.

- HARNECKER, Marta. Os conceitos elementais do materialismo histórico. Santiago, 1971. 317p.

- HASSENFORDER, Jean. La' bibliotheque d'ecole dans l'enseigment elementaire: genese et role pedagogique de la bibliotheque scolaire. Lecture et Bibliotheques, Paris, (21):9-18, jan./mar. 1972.

- IANNI, Octávio. Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930-1970. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. 316p.

- LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. A biblioteca pública em face da demanda social brasileira. R. Bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo, 12(3/4):203-10, jul./dez. 1979.

- LIMA, Etelvina. Atendimento de escolares em bibliotecas públicas. Belo Horizonte, 1959. 19p. mimeogr. (Trabalho apresentado ao II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia)

- LOPES, Eliana Marta Santos Teixeira. Origens da educação pública: a instrução na revolução burguesa do século XVIII. São Paulo, Loyola, 1981. 127p.

- MACEDO, Neusa Dias de. Bibliotecas públicas: re-exame de seus objetivos e o problema do atendimento ao escolar. Santo André, 1976. 8p. mimeogr. (Trabalho apresentando ao II Encontro de Bibliotecas Públicas e Escolares do Estado de São Paulo)

- MARTINS, Wilson. O passado vivido. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 abr. 1981.

- MENDES, Tania R. De Antonio das Mortes a tradutor. São Paulo, 1981. 15p. datilogr. (Trabalho apresentado como requisito para avaliação ao Curso "Educação e Hegemonia"- 1º sem. 1981. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (Mestrado). PUC - São Paulo)

- MILANESI, Luís. O que é biblioteca. São Paulo, Brasiliense, 1983. 107p.

- NAGLE, Jorge. A reforma e o ensino. 2.ed. São Paulo, EDART; Brasília, INL, 1976. 109p.

- NAVA, Pedro. Paulo Duarte, autor ou o livro? Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976.

- NEGRÃO, May Brooking. A evolução do Departamento de Bibliotecas Públicas, 1907-1978. R. Bibliotecon. Brasília, 7(2):186-209, jul./dez. 1979.

- OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. O bibliotecário e sua auto-imagem. São Paulo, Pioneira; Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. 98p. (Manuais de estudo)

- PATTE, Geneviève. Lecture et bibliotheque de Jeunes. /Reims/, Academie de Reims /1972/ p.17-27 (Études Pedagogiques)

- PAULO Duarte. Opinião, Rio de Janeiro, 24 jan. 1975. Seção "Evidências", cad. 1, 2, 3, 4 e 5.

- PERES, Odília Clark & FULGÊNCIO, Celia. Pesquisa sobre usuários da Biblioteca Pública de Minas Gerais "Prof. Luís de Bessa". R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 1(2):101-12, set. 1972.

- PORTELLI, Hughes. Gramsci e o bloco histórico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 142p.

- POULANTZAS, Nicos. Escola em questão. Tempo Bras., Rio de Janeiro, (35):126-37, out./dez. 1973.

- REIPERT, Herman José. História da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Divisão de Bibliotecas, 1972. 72p.

- RUSSO, Laura Garcia Moreno & RICCI, Zilah Mattos. A Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis Municipal de São Paulo: sua história e seus trabalhos. São Paulo, 1960. 13p. mimeogr.

- SALIBA, Carolina Angélica Barbosa et alii. Biblioteca pública brasileira: objetivo e missão social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. Anais. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v.1 - Tema Central e sub-temas, p.273-86.

- SÃO PAULO (cidade). Prefeitura. Secretaria de Cultura -SMC. Relatório anual - 1979. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. 185p. mimeogr.

- SCAVONE, Rubens T. O que é a biblioteca infantil municipal. Mundo Melhor, s.l., 3(31):1-6, jul. 1960.

- SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme, org. Brasil em perspectiva. 4.ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973. p.256-82.

- SPERANDIO, Liliana. Histórico da Biblioteca Pública do Paraná. R. Bibliotecon. Brasília, 2(2):199-202, jul./dez. 1974.

- SUAIDEN, Emir. Biblioteca pública brasileira; desempenho e perspectivas. São Paulo, LISA/INL, 1980. 82p.

- THIOLLENT, Michel J.M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 2.ed. São Paulo, Polis, 1981. 270p.

BIBLIOTECA
Escola de Biblioteconomia da UFMG

Doação: Ana Maria Cardoso
Preço: CR$ 9500,00
Em: 22-11-90